

PATRONOS DOS PRINCIPAIS LOGRADOUROS DE JABOTICABAL

VOLUME 02

**AVENIDA
JOÃO PINTO
FERREIRA**

**RUA
JUSTINO
DA ROCHA**

**PRAÇA DO
CAFÉ**

**RUA
MIMI
ALEMAGNA**

**RUA
ODILON ORTIZ**

**PRAÇA
HOMEM DE MELLO**

**RUA
SÃO JOÃO**

**RUA
JOSÉ
BONIFÁCIO**

**AVENIDA
ALLAN KARDEC**

**HOSPITAL E
MATERNIDADE
SANTA ISABEL**

**ESTAÇÃO DE
EVENTOS
CORA CORALINA**

**MUSEU
ALOÍSIO ALMEIDA**

**Luiz Carlos Beduschi
Antônio Pascoal André
Zina C. Bellodi**

2026

PATRONOS DOS PRINCIPAIS LOGRADOUROS DE JABOTICABAL

VOLUME 02

**AVENIDA
JOÃO PINTO
FERREIRA**

**RUA
JUSTINO
DA ROCHA**

**PRAÇA DO
CAFÉ**

**RUA
MIMI
ALEMAGNA**

**RUA
ODILON ORTIZ**

**PRAÇA
HOMEM DE MELLO**

**RUA
SÃO JOÃO**

**RUA
JOSÉ
BONIFÁCIO**

**AVENIDA
ALLAN KARDEC**

**HOSPITAL E
MATERNIDADE
SANTA ISABEL**

**ESTAÇÃO DE
EVENTOS
CORA CORALINA**

**MUSEU
ALOÍSIO ALMEIDA**

**Luiz Carlos Beduschi
Antônio Pascoal André
Zina C. Bellodi**

2026

CAPA

Criação: Daniel Luiz Beduschi

Painel de fotos de placas indicativas de alguns logradouros,
composto por Willian Kamla
(Laboratório Fotográfico “Renecolor”)

CONTRACAPA

Reprodução de foto da fachada antiga da atual
Escola Municipal “Coronel Vaz” e foto da fachada atual do
Hospital e Maternidade “Santa Isabel”

ARTE FINAL DAS CAPAS

Daniel Luiz Beduschi

REVISÃO DOS TEXTOS

Prof. Antônio Pascoal André

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Flávia Maria Martucci Vidureto

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica Multipress Ltda.

NOTA DOS AUTORES

Os Autores de *“Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal”* apresentam ao público o segundo volume da referida publicação, antecedendo em dois anos as comemorações que, certamente, serão realizadas em 2028 para marcar o Bicentenário da “Cidade das Rosas”.

Fiéis aos mesmos procedimentos que nortearam a elaboração das biografias dos patronos que integraram o Volume 01, os Autores buscaram, em textos publicados em várias fontes, as informações necessárias para elaborar as biografias dos patronos que emprestam seus nomes a vários logradouros da cidade e que compõem o segundo volume da publicação.

O Decreto nº 266, de 7 de fevereiro de 1949, assinado pelo então Prefeito Municipal Duílio Poli, atribuiu nomes a cerca de uma dezena de logradouros de Jaboticabal, entre eles os que passaram a denominar as seguintes vias públicas: Carlos Gomes, Monteiro Lobato, Madre Lúcia Maria, Major Braguinha, José da Costa e Ricardo Lúcio da Gama.

Outros nomes se juntaram aos seis já mencionados para integrar o conjunto de nomes que compõem o Volume 02 de *“Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal”*, tais como os das vias públicas: João Pinto Ferreira, Padre Justino Ferreira da Rocha, Mimi Alemagna, Euclides da Cunha, Duque de Caxias, Líbero Badaró, General Carneiro, General Osório, General Glicério, José Bonifácio, São Sebastião, Quintino Bocaiuva, São João, Santa Isabel, Allan Kardec, Odilon Ortiz e os das praças: “Praça do Café” e “Praça Dom José Marcondes Homem de Mello”.

Também constaram do citado decreto outros nomes atribuídos a várias vias municipais, conforme explicitado no Volume 01, tais como: Dr. Neves, Coronel Sodré, Capitão Fortunato, Capitão Paulino Braga, Dr. Liberato da Costa Fontes e Capitão Basiliano da Costa Fontes.

Boa Leitura

Luiz Carlos Beduschi
Antônio Pascoal André
Zina C. Bellodi

SUMÁRIO

AVENIDA JOÃO PINTO FERREIRA	05
PRAÇA DOM JOSÉ MARCONDES HOMEM DE MELLO	09
PRAÇA DO CAFÉ	12
AVENIDA GENERAL CARNEIRO	18
AVENIDA DUQUE DE CAXIAS	22
AVENIDA LÍBERO BADARÓ	26
AVENIDA GENERAL GLICÉRIO	32
RUA JOSÉ BONIFÁCIO	38
RUA SÃO SEBASTIÃO	41
RUA SÃO JOÃO	44
RUA MIMI ALEMAGNA	46
RUA EUCLIDES DA CUNHA	53
RUA QUINTINO BOCAIUVA	56
HOSPITAL E MATERNIDADE SANTA ISABEL	60
RUA PADRE JUSTINO FERREIRA DA ROCHA	65
AVENIDA ALLAN KARDEC	75
RUA CORONEL ODILON ORTIZ	79
RUA MADRE LÚCIA MARIA	89
RUA CASTRO ALVES	92
ESTAÇÃO DE EVENTOS CORA CORALINA	96
RUA FLORIANO PEIXOTO	106
RUA ALDO BELLODI	111
MUSEU HISTÓRICO ALOÍSIO ALMEIDA	115
SOBRE OS AUTORES	119

JOÃO PINTO FERREIRA

A via pública que dá continuidade à Avenida Pintos, uma das principais artérias da cidade, recebeu a denominação de Avenida João Pinto Ferreira em homenagem ao Fundador de Jaboticabal.

No passado, vários historiadores procuraram identificar as origens de nossa cidade. Entre eles, destaca-se Manoel Amorim Brenha, português de nascimento, que muito contribuiu para o registro dos primórdios da História de Jaboticabal.

Amorim Brenha organizou a edição do livro *Jaboticabal*, publicado em 1925, às vésperas da comemoração do Centenário de Fundação da cidade. O livro contém vinte contos literários enfocando vários assuntos. Os contos foram reeditados no ano de 2025.

Num desses contos, intitulado: *O São João de Jaboticabal*, Amorim Brenha fez uso de sua imaginação fértil e criativa, concebendo uma história a respeito da infância e dos motivos que determinaram a vinda de João Pinto Ferreira ao Brasil.

Nesse conto, Brenha afirma que os pais de João temiam que ele fosse convocado para participar da guerra na qual Portugal se envolvera, visto que um embate sangrento ceifara a vida de três de seus irmãos mais velhos.

Para não ter mais um filho vitimado pela guerra, os pais de João decidiram enviá-lo ao Brasil. De acordo com o relato de Amorim Brenha, João fora até a Espanha e de lá embarcara na galera “San Thiago”. A referida galera viria a naufragar nas proximidades das Ilhas Canárias.

Segundo Amorim Brenha, João fora salvo milagrosamente pelos tripulantes de **uma das caravelas do serviço real que transportava alfaías e riquezas do reino e que uma forte tempestade a retivera por muitos meses no mar bravio.**

A caravela a que Amorim Brenha fizera referência integrava a frota que acompanhou Dom João VI na sua viagem ao Brasil, em 1808. Como se sabe, o monarca português e sua corte fugiram do ataque das

tropas de Napoleão Bonaparte que invadira Portugal.

Para Amorim Brenha, em 1808, **João tinha quatorze anos, mas era robusto e parecia ter mais dois ou três**, uma vez que nascera em 1794.

O pesquisador Dorival Martins de Andrade, consultando documentos oficiais e autênticos, confrontou algumas datas de tais documentos com aquelas mencionadas no conto de Amorim Brenha.

Ao fazer tal confrontação, Dorival identificou várias discrepâncias. A principal estava relacionada ao ano de nascimento de João Pinto Ferreira, constatando uma diferença significativa de 16 anos!

Em 2011, ao elaborar o livro ***Símbolos de Jaboticabal***, os pesquisadores Beduschi e Dorival, tiveram a oportunidade de esclarecer a questão controversa relativa à data de nascimento.

Graças aos recursos da Internet, descobriu-se uma publicação virtual denominada “**Gazeta de Regadas**”. O editor da publicação, Professor Pedro Miguel Teixeira Sousa, foi solicitado a verificar a existência de informações a respeito do nascimento ou do batizado de João Pinto Ferreira, no livro de assentamentos da Paróquia de Santo Estevão de Regadas, lugar de nascimento de João.

No início de agosto de 2011, o Professor Pedro Sousa enviou mensagem à qual foi anexada **cópia do Registro de Nascimento e Batismo de João Pinto Ferreira**. Veja o fac-símile,

João Pinto Ferreira nasceu no dia 21 de março de 1779 e foi batizado no dia 23 de março do mesmo ano, na Igreja de Santo Estevão de Regadas.

Nome do pai: Francisco Pinto.

Nome da mãe: Custódia Maria Coelho.

Nomes dos Avós paternos: Thomé Pinto e sua mulher Catharina Ferreira.

Nomes dos Avós maternos: Sebastião Pires e sua mulher Jerônima de Moura Coelho.

Nome do Padrinho: Manoel Alvarez.

Nome da Madrinha: Teodora Maria de Siqueira.

Nome das Testemunhas: Manoel José Machado e João Pinto.

**Nome do Celebrante: Padre Francisco José da Costa e Sá,
Reitor da Igreja de Santo Estevão.**

Graças à colaboração do Prof. Pedro Sousa a dúvida estava finalmente dirimida e a verdade histórica da data de nascimento do fundador de Jaboticabal fora identificada: **21 de março de 1779.**

No Brasão de Armas de Jaboticabal, elaborado em 1928 pelo Prof. Affonso Taunay, estão presentes cinco escudetes. Um deles faz referência à devoção que João Pinto Ferreira dedicava à Nossa Senhora do Carmo.

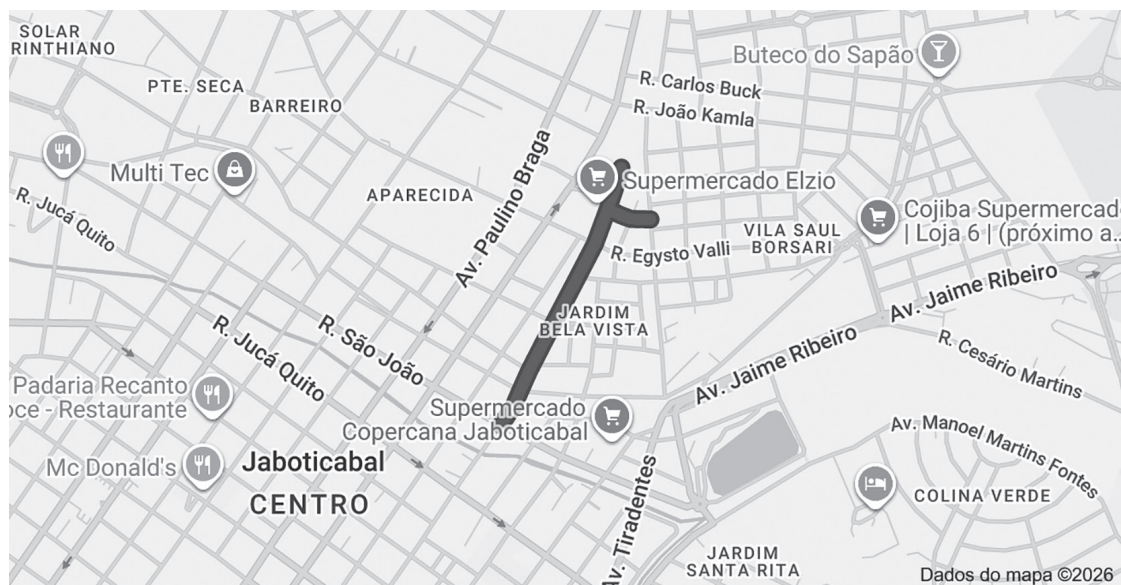
No escudete da Ordem Carmelita Descalça aparecem, de forma estilizada: o Monte Carmelo, uma cruz prateada e três estrelas igualmente prateadas.

O Monte Carmelo é o lugar de origem da Ordem Carmelita. A cruz prateada, símbolo máximo da cristandade, está inserida no cume do Monte Carmelo. As duas estrelas prateadas, que ladeiam a cruz, representam Santa Tereza e São João da Cruz. A estrela maior, posicionada no centro da montanha, representa a Virgem Maria.

O Prof. Taunay, autor do Brasão de Armas de Jaboticabal, encontrou uma forma de vincular o escudo de João Pinto Ferreira ao escudo da Ordem do Carmo, introduzindo uma lua prateada em quarto crescente pouco acima da cruz. Cabe ressaltar que tal lua crescente encontra-se inserida no escudo da família de João Pinto Ferreira.

Ao atribuir o nome de João Pinto Ferreira a uma de suas vias públicas, a cidade reverencia a memória de seu fundador.

A divisa do brasão de armas: ***“Em mim perdura o espírito dos Paulistas”***, esposada pelos habitantes de Jaboticabal, deixa claro a sua disposição de tornar a “Cidade das Rosas” cada dia mais amada, respeitada e engrandecida.



FONTE DE PESQUISA:

BEDUSCHI, L. C. & ANDRADE, D. M. *Símbolos de Jaboticabal*. Jaboticabal: Gráfica Multipress Ltda. 2011.

JOSÉ MARCONDES HOMEM DE MELLO

Localizada num dos pontos centrais mais movimentados de Jaboticabal, entre as ruas Barão do Rio Branco e Floriano Peixoto, e avenidas do Carmo e General Glicério, a atual Praça Dom José Marcondes Homem de Mello passou a ganhar destaque no cenário urbano a partir do ano de 1900, momento em que a Sociedade Musical São Benedito que pertencia à Irmandade de São Benedito, um grupo de escravos libertos, construiu uma capela dedicada ao seu protetor a qual foi demolida em 1932 por estar em ruínas.



No ano de 1948, foi lançada a pedra fundamental de um novo e imponente templo em louvor a São Benedito, cuja bênção inaugural aconteceu nas festividades de 13 de maio de 1970, em comemoração à libertação dos escravos.

Em 1906, o imigrante italiano Carlos Tonanni transferiu sua oficina de Guariba para Jaboticabal, instalando-a em um imóvel situado na Rua Rui Barbosa, esquina com a Avenida Marechal Deodoro, onde posteriormente funcionou por muito tempo a gráfica do jornal O Combate. Com o passar do tempo, essas instalações tornaram-se acanhadas e o empresário resolveu mudar-se para uma área localizada em frente ao então conhecido Largo de São Benedito.

Aos poucos, a oficina foi se especializando e, muito ampliada, transformou-se nas Indústrias Tonanni, uma das principais unidades fabris do estado de São Paulo, a qual empregava centenas de operários especializados, numa área de aproximadamente 20 mil metros quadrados, o que mudou totalmente o cenário imobiliário do local.

Atualmente, ao redor da Praça, encontram-se vários edifícios, estabelecimentos comerciais, bancários, lanchonetes, escritórios e o

Jaboticabal Shopping, o qual ocupa grande parte das antigas dependências das Indústrias Tonanni, que funcionaram até a década de 1970, e cuja parte externa foi preservada.

Dom José Marcondes Homem de Mello, patrono de tão importante logradouro público, nasceu no dia 13 de setembro de 1860 em Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba.

Foi ordenado sacerdote em 11 de março de 1883. Como religioso, ocupou inúmeros cargos de extrema importância, dentre eles, foi o primeiro Arcebispo de Belém do Pará, sendo sagrado em Roma no dia 29 de junho de 1906. Na volta ao Brasil, o navio “Sírio” no qual viajava naufragou em costas da Espanha, tendo ali falecido um dos companheiros de viagem, Dom José de Camargo Barros, bispo de São Paulo; no entanto, Dom José Marcondes sobreviveu.

Em 9 de agosto de 1908, foi nomeado Arcebispo-Bispo de São Carlos e, por mais de vinte anos, percorreu em visitas pastorais sua vastíssima diocese, cuja extensão ia do rio Corumbataí ao rio Grande, do rio Tietê ao Moji-Guaçu, área que hoje corresponde a cinco dioceses distintas: São Carlos, Jaboticabal, São José do Rio Preto, Barretos e Catanduva.

Muitas foram suas realizações para Jaboticabal, pois por meio de sua interseção aqui aportaram as Irmãs Andrelinas, vindas da Bélgica, que instalaram o Colégio “Santo André”, desde aquela época prestador de grandes serviços formativos a jovens de toda a região; colaborou ativamente na instalação do Ginásio “São Luís”, atual Escola Estadual “Aurélio Arrobas Martins” e, no Asilo de Mendicidade, estabeleceu as Irmãs Carlistas as quais se dedicaram por muitos anos no trabalho com idosos desamparados.

Em 28 de julho de 1909, Dom José Marcondes visitou pela primeira vez a cidade de Jaboticabal, sendo recebido com muitas honrarias pela população e autoridades locais na Estação Ferroviária; em 11 de janeiro de 1921, participou do lançamento da pedra fundamental da nova igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo, a qual em 16 de julho de 1926 iria solenemente inaugurar como oficiante de bênção,

de acordo com o Pontifical Romano.

No dia 25 de janeiro de 1929, por meio da Bula Papal “*Sollicitudo Omnium Aecclesiarum*” (*O Cuidado de Todas as Igrejas*), é criada a Diocese de Jaboticabal e sua instalação aconteceu sob a presidência de Dom José Marcondes, tendo sido nessa ocasião empossado como Administrador Apostólico, função em que permaneceu até a posse de Dom Antônio Augusto de Assis, ocorrida em 8 de novembro de 1931.

Dom José Marcondes Homem de Mello governou com extrema competência a Diocese de São Carlos por 26 anos, de 1908 a 1934, quando em 26 de junho, por sua solicitação, a Santa Sé concedeu-lhe um bispo coadjutor na pessoa de Dom Gastão Liberal, até então Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo.

Em 1935, Dom José retirou-se para a cidade de São Paulo, onde faleceu no dia 15 de outubro de 1937, aos 77 anos de idade.

FONTES DE CONSULTA:

ANDRÉ, A.P. **Documentário Histórico da Diocese de Jaboticabal**. Multipress Gráfica e Editora. Jaboticabal: 2004.

PRAÇA DO CAFÉ

A Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi inaugurada em Jaboaticabal, no dia 5 de maio de 1893, com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas de toda a região as quais prestigiaram a che-



gada do primeiro trem que transportava ilustres visitantes em sua viagem inaugural.

Daí para frente, a logística proporcionada pela grande movimentação de comboios de passageiros e de carga proporcionou um significativo desenvolvimento em todos os setores da cidade, com consequente aumento no número de empreendimentos comerciais e industriais o que atraiu a vinda de muitos profissionais liberais como médicos, dentistas, advogados, engenheiros, professores e operários especializados que passaram a residir com suas famílias em nossa cidade.

O traçado urbano da ferrovia tinha seu início no pontilhão da Avenida Tiradentes estendendo-se até o pontilhão da Avenida Doutor Elias da Rocha Barros, na Ponte Seca; daí o nome dado ao local pelos primitivos moradores em virtude de uma ponte sem um rio embaixo.

Em sua extensão, havia cinco pontilhões: os dois já citados; um no início da Avenida João Pinto Ferreira; um no final da Avenida Capitão Fortunato e outro no começo da Avenida José da Costa. Os demais cruzamentos eram em nível: na Avenida Paulino Braga; na Avenida Basiliano da Costa Fontes; na Avenida Liberato da Costa Fontes e na Avenida Vicente Quirino.

As edificações desses pontilhões, verdadeiras obras de arte para a época, foram projetadas e acompanhadas por um italiano de nome Fernando Varani, especializado na construção civil, o qual imigrou

para o Brasil no fim do século XIX, a fim de prestar serviços à Companhia Paulista de Estradas de Ferro que, naquele momento, estendia suas linhas até Bebedouro e Barretos. Ele e sua esposa Élide Giovannoli Varani estabeleceram-se em Jaboticabal, onde criaram uma família numerosa com dez filhos, dentre eles Dom José Varani, nascido em 1915, e que se tornou o segundo Bispo Diocesano.

Até o final do século XIX, a implantação da cultura do café não fazia parte dos planos dos antigos agricultores de Jaboticabal, tendo em vista a falta de boas estradas para o escoamento da produção.

A cafeicultura somente viria a ser implantada na região com a chegada dos trilhos da estrada de ferro. Juntamente com esses dois fatores de progresso e desenvolvimento, chegaram os imigrantes italianos que aqui aportaram desejosos de edificar uma nova pátria com o seu trabalho, irrigando o rico solo dos cafezais com o suor de seus rostos.

Dessa forma, a cultura do café expandiu-se celeremente pelas propriedades do município, fazendo com que Jaboticabal passasse a ocupar posição de destaque não apenas no Estado, mas também em todo o Brasil visto que, na década de 1920, era o quarto município produtor do Estado de São Paulo.

Em sendo a Estrada de Ferro da Companhia Paulista a causa desse tão grande progresso, o local em que se encontrava instalada sua estação, no Bairro da Aparecida, recebeu, por parte das autoridades municipais, a denominação de **Praça do Café**, cujo início se dava no pontilhão da Avenida João Pinto Ferreira e se estendia até a residência do chefe da estação, ao lado do pontilhão da Avenida Tiradentes.

Já em 1916, alguns fazendeiros locais, tendo à frente o Major Novaes, tinham construído um ramal com 25 quilômetros de extensão que percorria as propriedades rurais escoando as produções agrícolas e, também, era utilizado para o transporte de passageiros. Mais tarde, esse trecho que ficara conhecido como Ramal de Lusitânia, foi adquirido pela Companhia Paulista.

Em outubro de 1922, foi montada a Rotunda de Jaboticabal para

bitola métrica, prevendo-se a ampliação para bitola larga, sonho de todos os usuários das composições ferroviárias da época, já que aumentaria o conforto dos passageiros e o tempo de viagem seria abreviado.

No dia 2 de outubro de 1924, a Companhia Paulista inaugurou o carro *Pullman* (vagão luxuoso cujos assentos transformavam-se em leitos), para a bitola estreita no trecho entre Rincão e Barretos.

Em 1926, a produção anual de café no município atingiu a cifra recorde de mil arrobas, produção essa totalmente exportada pela estrada de ferro. No entanto, por contradição, foi também, nessa ocasião, que circulou pelos jornais a notícia na qual a Companhia modificaria o traçado do prolongamento do tronco da bitola larga até Bebedouro passando por Barrinha e Pitangueiras, desviando-o de Jaboticabal.

Tal notícia gerou muitos protestos na cidade, entretanto a Companhia afirmou que a Serra de Jaboticabal dificultava o traçado da linha. Dessa forma, o Ramal de Jaboticabal ficou relegado a um plano secundário, o que ocasionou o seu declínio.

A partir de 1955, houve uma pequena melhoria com a utilização de locomotivas a diesel no Ramal. Contudo, em meados de 1961, a Companhia Paulista foi estatizada pelo Governo de São Paulo e a situação voltou a piorar sobremaneira.

Em setembro de 1966, o Ramal de Lusitânia foi desativado; em 21 de novembro do mesmo ano, o governador Laudo Natel mandava também suprimir o Ramal de Jaboticabal e, no dia 14 de dezembro de 1968, foi publicada no Diário Oficial do Estado a extinção do trecho Rincão a Jaboticabal.

Finalmente, em 2 de janeiro de 1969, partiu de Jaboticabal a última composição ferroviária, momento em que ficou para a História como o Dia da Despedida.

Do fim do século XIX até o início da década de 1960, a Praça do Café foi um dos locais mais movimentados de Jaboticabal. Se os paralelepípedos que lhes servem de pavimento pudessem falar, quantas histórias eles teriam para contar.

Na ligação com a Avenida Bento Vieira, de frente para a Estação,

destacava-se de um lado o Hotel São Bento, propriedade dos irmãos Mário e Augusto Vertuan, com serviços de bar, restaurante e engraxataria; do outro, a Casa Braseon, especializada em produtos agrícolas; entre o prédio da Estação e o imenso barracão que abrigava os armazéns da Companhia Paulista, havia um chafariz de água que servia para saciar a sede dos animais que serviam de tração para as carroças, carroções que transportavam as mercadorias e, também, para as charretes as quais baldeavam os passageiros para seus destinos na cidade.

Após o início da Avenida Major Novais, em frente dos armazéns da Companhia, localizava-se o prédio da Máquina de Beneficiar, propriedade de Saul Borsari.

O apito da Maria-Fumaça, como eram conhecidas as locomotivas a vapor, não somente era um código com seus diferentes significados (de advertência, de chegada, de partida...) mas também marcava a hora para os habitantes da cidade: era o trem das sete, das nove, o cargueiro das catorze, o noturno que saía às dezenove... E tinham uma precisão de relógio suíço!

Nas décadas de 1940 e 1950, época áurea da ferrovia em Jaboticabal, antes e após a chegada dos trens, uma agitação tomava conta das plataformas e do Bar do Neves o qual ficava no interior da estação, bem em frente a uma fonte de água que refrescava e embelezava o local.

O movimento espalhava-se para o exterior, onde carros de praça (nome dado aos táxis), quase todos da marca Ford, modelo 38, cor preta, ficavam estacionados com seus “choferes” (assim eram denominados os motoristas) ao volante, trajados impecavelmente e de quepe (chapéu próprio para condutores), dentre eles: Zé Quatorze (assim conhecido pelo número da placa de seu carro), Paschoal Pazzito, Pedro Zitti, Antônio Merchiori, Sérgio Davi (genro de Mário Vertuan), Bem-Bem, Álvaro e outros, os quais transportavam passageiros que chegavam nos vagões de primeira classe.

Havia o ponto de charretes com os charreteiros que permaneciam com seus veículos de tração equina parados ao lado do chafariz (que,

após a abertura da Avenida Manoel Fernandes Batista, foi removido para a frente do Museu Histórico “Aloisio de Almeida), os quais conduziam aqueles que quase sempre tinham viajado na segunda classe.

Muitos viajantes desciam a pé pela Avenida Bento Vieira, por residirem nas proximidades ou pelo fato de não possuírem recursos para pagar uma condução que os levasse ao seu destino. Desembarcavam, também, agrupamentos de jovens uniformizados que de outras localidades vinham para estudar no Colégio Estadual e Escola Normal “Aurélio Arrobas Martins”, o antigo Ginásio “São Luiz”.

Grande era o movimento aos armazéns da Companhia de caminhões que levavam produtos agrícolas ou produzidos nas indústrias locais e, no retorno, traziam mercadorias que tinham chegado pelos trens de carga. Eram seguidos pelas carroças e carroções cujos dirigentes, com carteira de habilitação, eram verdadeiros malabaristas, pois comandavam seus animais em pé sobre os veículos, visto que por força da lei não podiam sentar sobre as mercadorias que carregavam.

Na ocasião, por ser um dos principais cartões de visita da cidade o qual ligava, através da Avenida Bento Vieira, a Estação Ferroviária com a Praça da Catedral, era um lugar muito bem conservado pela administração pública municipal.

Como testemunha desse momento, permanece preservado em sua fachada o prédio da estação que por 75 anos abrigou os passageiros que se utilizavam dos serviços da estrada de ferro em nossa cidade o qual, por meio da Lei 4.685, de 12 de maio de 2015, passou a ser denominado Edifício “David Brito”, em homenagem a um ferroviário exemplar que por mais de 40 anos prestou serviços à Companhia Paulista.

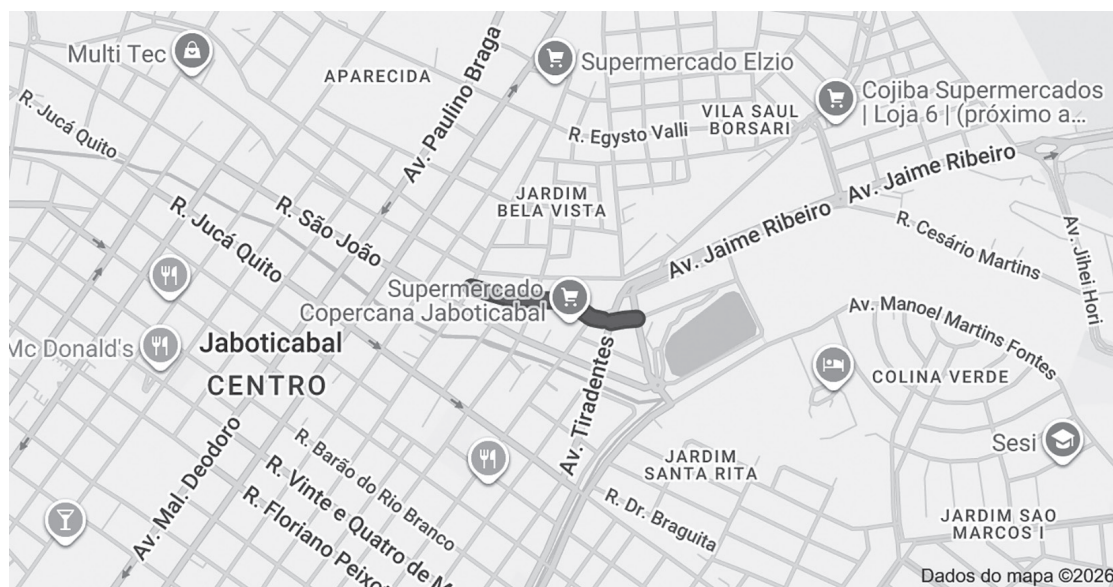
Atualmente, nesse local histórico, cujas ruas primitivamente pavimentadas por paralelepípedos ainda se encontram também preservadas, quase tudo são lembranças, pois o prédio da Estação Ferroviária transformou-se num espaço ocupado pelo Poder Judiciário e o Barracão dos Armazéns, na Estação de Eventos “Cora Coralina”.

FONTES DE PESQUISA

ANDRÉ, A. P. *Lembranças*. Jornal O Combate, edição especial. Gráfica Santa Terezinha: Jaboticabal, 16 de julho de 2008.

ANDRÉ, A. P. *Breve Histórico sobre a Ferrovia em Jaboticabal*. Jornal O Combate, edição especial. Gráfica Santa Terezinha: Jaboticabal, 16 de julho de 2019.

BEDUSCHI, L. C. *A Importância da Agricultura para Jaboticabal*. IN: *Personagens da História de Jaboticabal*. Fascículo 19. Gráfica Santa Terezinha: Jaboticabal, 2020.



ANTÔNIO CARNEIRO

(Antônio Ernesto Gomes Carneiro)

A antiga *Rua da Praia*, da cidade de Jaboticabal, passou a ser denominada de *Avenida General Carneiro*, em homenagem a um dos “*Voluntários da Pátria*”, participante ativo dos combates levados a efeito na Guerra do Paraguai e na Revolução Federalista.



Antônio Ernesto nasceu no dia 28 de novembro de 1846, na cidade de Serro, Estado de Minas Gerais. Aprendeu as primeiras letras na escola de sua cidade natal. Prosseguiu seus estudos no Seminário de Diamantina e em Curvelo.

Em 1864, aos 18 (dezoito) anos, passou a frequentar o Curso de Humanidades, no Mosteiro dos Beneditinos, no Rio de Janeiro, ocasião em que eclodiu a *Guerra do Paraguai*. Diante desse fato, Antônio Ernesto decidiu alistar-se como soldado, no Primeiro Corpo de Voluntários da Pátria.

Na guerra, por bravura, conquistou a graduação de Primeiro Sargento e de Alferes. Foi ferido em combate três vezes em terras paraguaias. A primeira, em “*Estero Bellaco*”¹, as outras em

1 Estero Bellaco – nome de um local geográfico no Paraguai, historicamente conhecido por ter sido palco da Batalha de Estero Bellaco, conflito militar crucial da Guerra do Paraguai (1864-1870). “Estero” em espanhol e guarani, refere-se a riacho, pântano, enquanto “Bellaco”, em espanhol, significa astuto, traiçoeiro, velhaco. Pode-se traduzir, livremente, “Estero Bellaco” por “Riacho Traiçoeiro” ou “Pântano do Velhaco”. Nesse local, as tropas paraguaias realizaram um ataque de surpresa contra a vanguarda da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) que avançava pela região. O terreno alagadiço do “Estero” (riacho ou pântano) resultou em pesadas baixas para ambos os lados. (N. AA.).

“Piquissiri²” e em “Lomas Valentinas³”. Mal se restabelecia de um ferimento, já se apresentava para nova missão.

Após o final do conflito, matriculou-se na Escola Militar, em 1872, tendo atingido as seguintes promoções militares: Tenente, em 1875; Capitão, em 1877; Major, em 1887; Tenente-coronel, em 1890 e Coronel em 1892.

Em 1881, acompanhou o Imperador Dom Pedro II em sua viagem a Minas Gerais.

De 1890 a 1892, o Coronel Carneiro chefiou a comissão responsável pela implantação das linhas telegráficas na **“Marcha para o Oeste”**, tornando-se o responsável pelo recrutamento do então Tenente Cândido Rondon.

A seguir foi convocado para atuar na Região Sul, durante os conflitos verificados durante a Revolução Federalista.

A Revolução Federalista foi uma guerra civil ocorrida no Sul do Brasil (1893-1895) entre os federalistas (maragatos), que queriam descentralizar o poder, e os republicanos (pica-paus), que apoiavam o Governo de Júlio de Castilhos.

Os federalistas defendiam maior autonomia para as províncias, enquanto os republicanos buscavam a centralização do poder no governo. O conflito se intensificou após a Proclamação da República.

A revolta ocorreu em meio à instabilidade política da República e se estendeu pelas Províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A guerra foi marcada pela violência, com a degola de prisioneiros, o que lhe rendeu o apelido de **“Guerra das Degolas”**.

2 Piquissiri – é um riacho, localizado na margem esquerda do Rio Paraguai. O Ditador Solano Lopez, após a queda da Fortaleza de Humaitá (julho de 1868), concentrou as suas tropas ao longo desse riacho. Para contornar a privilegiada posição do Exército Paraguaio, o Comandante Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, então Marquês de Caxias, colocou em prática a chamada **“Manobra de Piquissiri”**, tática estratégica, considerada como a mais ousada e criativa de todo o conflito, constituindo-se na construção de uma estrada de onze quilômetros de extensão, através dos pântanos, na margem direita do Rio Paraguai, de sorte a posicionar as tropas da Tríplice Aliança na retaguarda dos paraguaios. (N. AA.).

3 Lomas Valentinas – Nesse local ocorreram várias batalhas. “Lomas”, em espanhol, significa “Colinas”, enquanto “Valentinas”. pode estar relacionado a “Valentes”. Traduzindo, literalmente, “Lomas Valentinas” pode significar **“Colinas dos Valentes”**, numa referência às fortificações construídas pelo Exército Paraguaio. (N.AA.).

Inicialmente, o Coronel Cordeiro fora nomeado Comandante do 5º Distrito Militar, mas depois, por ordens de Floriano Peixoto, passou o comando para o Marechal Pego Júnior.

Carneiro conhecia Pego e sabia de suas ideias monarquistas, temendo que ele se unisse aos revoltosos, entretanto isso não ocorreu.

Por outro lado, Pego Junior e Vicente Machado, então Governadores do Paraná, fugiram covardemente e suas tropas, que contavam com mais de mil homens, ficaram desorientadas e acabaram por desertar ou perder-se na fuga.

O Paraná e a Capital Curitiba estavam sem governantes e sem exército, somente a Lapa estava protegida. As tropas e o Coronel Carneiro foram cercados, em um dos mais célebres episódios da vida militar brasileira, conhecido como “*Cerco da Lapa*”.

Três mil homens cercaram 639 (seiscentos e trinta e nove) praças e vários civis voluntários, durante 26 (vinte e seis) dias. A capitulação ocorreu pela falta de comida, de munição e após a morte de Carneiro.

A resistência desses valorosos homens definiu o vencedor da guerra, pois contribuiu para que o avanço dos federalistas fosse retardado, permitindo que as tropas legalistas se organizassem e, posteriormente, derrotassem os revoltosos.

O então Coronel Gomes Carneiro foi ferido, morrendo dois dias depois, em 9 de fevereiro de 1894. Mesmo ferido, ele continuou dando ordens. Sem saber, um dia antes fora promovido, por bravura, ao posto de General de Brigada.

Seus restos mortais se encontram no Panteão dos Heróis, na cidade de Lapa, junto com todos os combatentes, que morreram no cerco ou posteriormente.

Os republicanos venceram a guerra civil, e a pacificação ocorreu em agosto de 1895, durante o Governo de Prudente de Moraes.

Em sua homenagem, um município do Paraná e outro do Mato Grosso foram batizados como o seu nome.

Em logradouros públicos, Gomes Carneiro foi homenageado, com seu nome atribuído a uma avenida em Sorocaba S/P, a duas ruas,

DUQUE DE CAXIAS (Luís Alves de Lima e Silva)

Luís Alves nasceu em Porto da Estrela – R/J, numa família de militares da qual se originaram três gerações e onze generais.

Aos cinco anos de idade, Luís Alves teve permissão de Dom João VI para assentar praça, sendo-lhe conferida a estrela de Primeiro Cadete.

Aos quatorze anos, jurou a bandeira e no ano seguinte matriculou-se no Primeiro Ano do Curso de Matemática da Academia Real Militar.



Foi promovido a Alferes, em 1818. Em 1821, a promoção foi a Tenente. Nesse posto organizou o **“Batalhão do Imperador”**, ao qual se dedicou à consolidação da Independência do Brasil, recebendo seu batismo de fogo.

Atingiu o posto de Capitão, em 1824, destacando-se na Guerra da Cisplatina.

O termo Cisplatina (cis, aquém, da parte de cá, + platina, relativa ao Rio da Prata), indicava a localização geográfica do território da antiga província, a Leste daquele rio; era conhecida como Província Oriental do Rio da Prata, constituindo-se no atual Uruguai.

A guerra da Cisplatina ou campanha da Cisplatina foi um conflito iniciado, em 1816, envolvendo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e as Províncias Unidas do Rio da Prata (futura República da Argentina). O conflito teve continuidade após a Independência do Brasil, uma vez que o Império Brasileiro, no período de 1825 a 1828, manteve-se na guerra em disputa pela posse da Província Cisplatina, ou seja, da região da atual República Oriental do Uruguai.

A Província Oriental do Uruguai era uma área estratégica localizada na entrada do estuário do Rio da Prata e o seu controle possibi-

litava grande domínio sobre a navegação ao longo de todo o percurso do rio, permitindo, ainda, acesso aos rios Paraná e Paraguai, além de constituir uma via de transporte da prata proveniente dos países andinos.

Caso a guerra tivesse continuidade, os altos custos gerados para os beligerantes; a pressão britânica para um acordo entre as partes e a precariedade militar e política dos países em conflito, fizeram com que a paz fosse firmada sob a mediação da França e da Grã-Bretanha.

O Tratado de Paz foi parcialmente favorável ao Brasil, que teve de abdicar da região da Cisplatina, que se tornou a República Oriental do Uruguai, entretanto, o Brasil manteve a soberania sobre as Missões Orientais.

Em 1828, terminado o conflito, Caxias foi promovido a Major.

Em 1831, por ocasião da abdicação do Imperador Dom Pedro I, Caxias foi um dos mantenedores da ordem no país.

Em 1837, obteve a promoção a Tenente-Coronel, e dois anos depois a promoção a Coronel. Em 1839, ano de sua promoção a Coronel, Caxias realizou a pacificação do Maranhão.

Em 1841, recebeu o Título Honorífico de Barão do Império.

No ano seguinte (1842), pôs fim às revoltas de Sorocaba-S/P e de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, como Marechal-de-campo, pacificou o Rio Grande do Sul, abalado pela longa Guerra dos Farrapos.

A Guerra dos Farrapos, também conhecida como Revolução Farroupilha, foi um longo conflito ocorrido no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, durante o período Regencial (de 1835 a 1845).

A insatisfação com os altos impostos cobrados sobre o charque, principal produto dos estancieiros gaúchos; o desejo de autonomia maior da província e o descontentamento com a centralização do poder, mantida pelo Governo Central, foram as causas da eclosão da Revolução Farroupilha.

Os revoltosos, liderados por figuras como Bento Gonçalves e Giuseppe Garibaldi, em 1836, chegaram a proclamar a República Rio-Grandense (ou República de Piratini) e a República Juliana em Santa

Catarina.

A guerra terminou com o Tratado de Poncho Verde (1845), que incluiu questões, tais como: a anistia aos rebeldes; a incorporação de combatentes no Exército Imperial e o perdão das dívidas da província, além de outras concessões econômicas.

Em 1845, Luís Alves tornou-se Senador e, foi nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul, recebendo o Título Honorífico de Conde de Caxias.

Em 1852, novamente no Rio de Janeiro, foi elevado ao posto de Tenente-General e à dignidade de Marquês.

Em 1855, foi nomeado Conselheiro da Coroa e Ministro da Guerra. Voltaria a ocupar essa pasta mais duas vezes: em 1861 e depois da Guerra do Paraguai, da qual participou já como Marechal do Exército, último posto da hierarquia.

Na Guerra do Paraguai, ganhou a todas as batalhas, consagrando-se como o seu maior herói, razão pela qual fez jus ao Título de Duque.

Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é considerado ***Patrono do Exército Brasileiro***, cognominado “***O Pacificador***”.

Em 25 de agosto, data do seu nascimento, comemora-se o ***Dia do Soldado***.

Caxias faleceu aos 76 anos, no dia 7 de maio de 1880, em Valença, Rio de Janeiro.

FONTES DE CONSULTA:

BEZERRA, Juliana. Duque de Caxias. **Toda matéria [s.d.]**. Disponível em <https://todamateria.com.br/duque-de-caxias/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

pt.wikipedia.org/wiki/luis_alves_de_lima_e_silva. Acesso em: 12 nov. 2025.



LÍBERO BADARÓ

Giovanni Baptista Líbero Badaró nasceu em 1798, em Laigneglia, uma pequena localidade nos arredores de Gênova.

Após se formar pelas Universidades de Turim e Pádua, teve que imigrar em razão de suas convicções políticas e para escapar às perseguições que lhe moviam as autoridades italianas.



Chegou ao Brasil em 1826. Depois de residir algum tempo no Rio de Janeiro, veio para São Paulo em 1828 e logo conquistou a simpatia da população e a admiração dos estudantes da Academia de Direito, onde passou a lecionar Geometria.

Além de exímio médico operador, Líbero Badaró era poliglota, botânico e matemático, tendo também exercido papel de destaque na imprensa paulista.

Naquela época (1828), o Brasil contava apenas seis anos de independência. Dom Pedro I havia sido coroado com a promessa de fazer um governo mais participativo. Para isso, convocou uma Assembleia Constituinte em maio de 1823. A constituinte teve vida curta: os Deputados elaboraram uma Carta que limitava os poderes do Imperador e era mais liberal do que ele estava disposto a aceitar. Dom Pedro I dissolveu a Assembleia em novembro do mesmo ano.

O autoritarismo de Dom Pedro I e de seus subalternos passou a ser combatido nas trincheiras da imprensa. Líbero Badaró atuou primeiro no jornal “O Farol Paulistano”, órgão fundado em 1827, e depois, a partir de 1829, em seu próprio jornal, “O Observador Constitucional”. Seu objetivo era combater os políticos corruptos e prepotentes da época, os figurões avessos às novas ideias. Além disso, tinha como ponto de honra, defender a liberdade de imprensa, manipulada pelos senhores do Império. Com tal postura, passou a incomodar e a

atrair a ira dos poderosos da época.

Na noite de 20 de novembro de 1830, às 22:00 horas, quando retornava para sua residência na então denominada Rua Nova de São José, hoje Líbero Badaró, que ficava onde hoje se encontra a cobertura da Galeria Prestes Maia, na Praça do Patriarca, Badaró foi abordado, subitamente, por um tipo estranho que, com acentuado sotaque lusitano, pergunta se era ele o jornalista Badaró. “Sim” - assentiu o jornalista, perguntando o que desejava seu interlocutor. Este respondeu-lhe que era portador de uns escritos contra o Ouvidor da Comarca, Cândido Ladislau Japiacu de Figueiredo e Melo, para serem publicados em seu jornal “O Observador Constitucional”.

Entrementes, um segundo vulto emerge das sombras e, de revólver em punho, aponta para Badaró gritando: - “O artigo é este!...” Um tiro quebrou o silêncio da noite. Badaró, atingido no baixo ventre, recua e tomba mortalmente ferido, enquanto os assassinos desaparecem na calada da noite.

Estudantes que se achavam ali por perto acorrem e logo reconhecem na vítima, a figura do Professor Badaró. Imediatamente transportam-no até sua casa, que dista alguns passos dali.

Rapidamente a notícia se espalha e o povo começa a se juntar em frente à residência do grande líder popular. O Cirurgião-Mor Joaquim Antônio Pinto é chamado e presta-lhe o auxílio que pode.

O artista francês Antoine Hercule Romuald Florence, presente ao seu leito de morte, fez-lhe o desenho da cabeça, sendo esse o único traço da sua austera fisionomia.

Um filho do Cirurgião-Mor, o acadêmico Joaquim Antônio Pinto Júnior recolhe as últimas palavras de Badaró, ditas um pouco antes de entrar em agonia: - ***“Não me iludam. Sei que morro. Morre um liberal, mas não morre a liberdade!”***

Na noite de 21 de novembro de 1830, morria Giovanni Baptista Líbero Badaró, rodeado de amigos e de um grupo de estudantes.

Nos momentos que precederam sua morte, Badaró apontara como mandante do crime o Ouvidor Geral da Comarca, Dr. Cândido

Japiaçu, fato que, depois, foi confirmado, pois a prisão de um dos assassinos se deu no quintal de sua casa. O próprio Ouvidor, também foi preso e conduzido ao Rio de Janeiro à noite, sob forte escolta, para que não caísse nas mãos do povo que, revoltado, ameaçava linchá-lo.

Segundo NASCIMENTO (1986), a causa do crime foi a seguinte: - “Em Paris, os Republicanos haviam derrubado a Dinastia dos Bourbons do trono. A notícia ao chegar em São Paulo teve grande repercussão e os estudantes da Academia de Direito do Largo de São Francisco promoveram uma grande passeata em comemoração ao fato, terminando com um comício no hoje ‘território livre’”.

“O Ouvidor Geral, homem duro, reacionário, não simpatizante do liberalismo e da Independência, promoveu rigorosa devassa para saber quais os estudantes que organizaram as manifestações e quais as famílias que enfeitaram suas janelas com toalhas brancas, flores e luminárias”.

“O jornal do maçom José da Costa Carvalho, “O Farol Paulistano”, que também não via com bons olhos o Ouvidor, criticou-o em suas edições, bem como ao Bispo Dom Joaquim Gonçalves de Andrade, que exercia o Governo da Província”.

“Com a realização da devassa, o jornal foi ainda mais duro com o Magistrado e com o Bispo. O Ouvidor abriu um processo contra o jornal, e esse foi o primeiro processo contra a imprensa no Brasil”.

“Líbero Badaró, também maçom e liberalista, tomou partido em favor de Costa Carvalho. O Ouvidor contratou dois pistoleiros: um alemão e um português, sendo o alemão o autor do disparo fatal”.

“A cidade viveu dias agitados. A casa do Ouvidor, onde se esconderam os dois pistoleiros ficou fortemente policiada, pois o povo queria linchá-los. Fugiram para o Rio de Janeiro altas horas da madrugada e sob forte escolta policial. No Rio de Janeiro o processo foi arquivado ‘por falta de provas’ e Japiaçu absolvido pelo Tribunal de Justiça”.

De acordo com PECCININI (1986), o jornal “O Polichinello”, periódico que circulava em São Paulo no fim do século passado, afirmava que: “Há quem atribua este horroroso crime a uma ordem de

Dom Pedro I; outros afirmam que, com sabedoria, os maçons daquela época escolheram para patrono da Loja de Taquaritinga um homem que sonhou com a liberdade, por ela viveu e morreu. Um homem que defendeu até à morte o sagrado direito de todo ser humano, a maior de todas as formas de liberdade, a liberdade de pensamento, a liberdade de expressão.

Os fundadores da Loja Maçônica “Líbero Badaró”, ao adotarem seu nome para Patrono, agiram consoante os princípios da Sagrada Instituição Maçônica que pugna pela Liberdade e a caracteriza como o bem mais precioso que o homem pode possuir.

Para caracterizar o elevado conceito em que Badaró era tido, transcreve-se, a seguir, um soneto de autoria do Padre José Marianno Gomes Baptista, que era natural de Sabará, Estado de Minas Gerais, e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Em 29 de dezembro de 1833, José Marianno recebeu das mãos do Bispo Diocesano, as sagradas ordens de Presbítero. O referido sacerdote compôs, por ocasião da morte de Badaró, o seguinte

SONETO⁴

Seja-te leve a terra, ó grande, ó justo!
Corajoso escriptor, da Pátria esteio
Outr’ora ella te viu, sem vil receio
Regar da Liberdade o tronco augusto.

Perigos venceste, subjugaste o susto,
Ao Despotismo audaz pozeste um freio.
Viste de bençãos mil, de glória cheio
Triumphar a razão, mas não sem custo.

Ah! se podem soar na Eternidade
Os tristes echos de magoado pranto
Que em nós excita funeral saudade,

4 Conservou-se a ortografia usada na época. (N.A.).

Attende lá do empireo sacrosanto
A dor pungente, à lugubre anciedade
Do Brazil, que, em perder-te, perde tanto.



Mausoléu onde repousam os restos
mortais de Líbero Badaró
(Cemitério da Consolação em São Paulo)

FONTES DE PESQUISA:

BEDUSCHI, L. C. *Cem anos de tradição*. Taquaritinga: Augusta e Respeitável Loja Simbólica “Líbero Badaró”. 2000. 284p.

HELP! HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo Clik Editora/O Estado de São Paulo, 1997. 323 p.

NASCIMENTO, G. O discurso na Igreja. Jornal “O Farol Paulistano”, São Paulo, 15 de dezembro de 1986. p. 6.

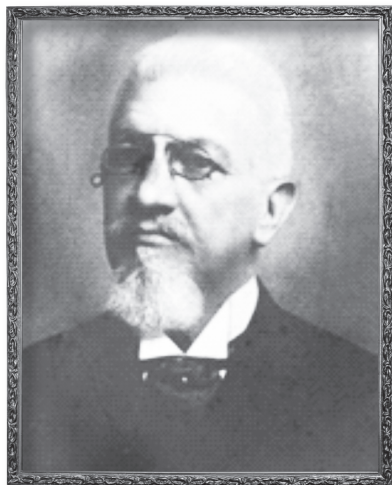
PICCININI, I. Líbero Badaró: com a liberdade sonhou e por ela viveu e morreu. Jornal “O Farol Paulistano”, São Paulo, 15 de dezembro de 1986. p. 6.



FRANCISCO GLICÉRIO (Francisco Glicério de Cerqueira Leite)

Francisco Glicério de Cerqueira Leite nasceu em 15 de agosto de 1846, em Campinas S/P, sendo filho de Antônio Benedito de Cerqueira Leite e de Maria Zelinda da Conceição Cerqueira.

Seu pai era descendente de antigas famílias paulistas, os Garcia Velho e os Silva Leme; sua mãe era uma escrava negra alforriada⁵.



Fez os estudos primários em sua cidade natal, concluindo o Curso Secundário no Seminário Episcopal de São Paulo.

Em 1862, depois de fazer os preparatórios no curso anexo da escola do Largo de São Francisco, aos 16 (dezesseis) anos, Glicério matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo.

Em razão do falecimento de seu pai, muitas dificuldades financeiras se apresentaram, obrigando-o a abandonar o Curso de Direito e a voltar para Campinas.

Durante sua permanência em São Paulo, em companhia de seus amigos de Campinas, Manuel Ferraz de Campos Sales e João Quirino do Nascimento, e de Francisco Rangel Pestana, Glicério frequentava constantemente a moradia de estudantes de Direito (*“república”*), onde seu irmão Jorge Miranda residia.

Outros estudantes também frequentavam a *“república”*, tais como: Bernardino de Campos, Prudente de Moraes, Salvador Mendonça e Teófilo Otoni. O grupo se transformaria, posteriormente, no mais importante núcleo propagandista da República do Brasil.

⁵ Alforriada – pessoa, no caso uma mulher, que foi libertada da escravidão, recebendo sua liberdade de forma definitiva. O termo vem de “alforria”, que é o ato de libertar um escravo, geralmente através de uma carta ou documento de alforria. (N.AA.).

Essa convivência marcou profundamente a formação de Glicério. Ao lado de alguns amigos, como Campos Sales e Rangel Pestana, ele tornou-se um fervoroso propagandista da implantação da república brasileira.

De volta a Campinas, Glicério conseguiu emprego numa tipografia. Pouco depois, foi promovido a revisor de jornal, trabalhando, também, no comércio local.

O compadre de seu pai, o fazendeiro republicano Francisco de Paula Sales, pai de Campos Sales, ofereceu-lhe um emprego de professor de primeiras letras de seus filhos menores, na cidade de Rio Claro, oferta que Glicério aceitou prontamente.

Tempos depois ao voltar para Campinas, Glicério começou a trabalhar como copista de cartório. Posteriormente, foi promovido a auxiliar do escritório de advocacia de seu irmão Jorge Miranda.

Em 1867, com a experiência adquirida, prestou exame para solicitador⁶, obtendo o título de **“advogado provisionado”⁷**, a fim de patrocinar, pessoalmente, suas ações no juízo.

Não teve dificuldade em desenvolver suas atividades profissionais, principalmente, nas cidades servidas pelas Estradas de Ferro Mogiana e Paulista, formando, assim, uma boa clientela.

Na função de advogado, estudou diversos sistemas de organização política, reforçando, assim, seus ideais.

Ainda, em 1867, Glicério foi admitido na recém-fundada Loja Maçônica “Independência” de Campinas.

A seguir, casou-se com Adelina Melloni, de origem francesa. O casal teve os seguintes filhos: Clotilde, casada com o Dr. Herculano de Freitas Guimarães; Dr. Clóvis, engenheiro industrial, casado com

6 Solicitador – na área do Direito, trata-se de procurador legalmente habilitado e provisionado, a quem, na qualidade de auxiliar do advogado, compete acompanhar o andamento dos feitos, receber intimações de despachos ordinários, assinar termos de recursos, e praticar outros atos junto aos cartórios. (N.AA.).

7 Provisionado ou rábula - no Brasil eram sinônimos para designar um profissional que podia advogar sem ter o curso superior formal em Direito. A permissão para advogar era concedida por uma provisão, obtida após registro em entidades como o Instituto dos Advogados e, posteriormente, na Ordem dos Advogados do Brasil. (N.AA.).

Lucila Rocha Glicério; Henriqueta e Maria Zelinda.

Em 1868, com seus amigos Luís Gama, Américo de Campos, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos, Campos Sales, Antônio Lobo, Martinho Prado Júnior, Luiz Quirino dos Santos e seu irmão Jorge Miranda, entre outros, começou a participar do Clube Radical, que defendia a abolição dos escravos e o regime republicano.

No ano seguinte, o clube passou a ter seu próprio órgão de imprensa **“O Radical Paulistano”**, jornal de circulação semanal.

No ano seguinte, foi fundada o jornal **“A Gazeta de Campinas”**, por Francisco Quirino dos Santos e seu sogro Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que havia criado na capital da província o jornal **“Correio Paulistano”**. Posteriormente, Francisco Glicério foi trabalhar na **“A Gazeta de Campinas”**, projetando-se, desde logo, como jornalista.

Apesar da mais ampla liberdade de opinião vigente no Segundo Reinado nunca se havia pensado na criação de um Partido Republicano.

Somente no ano do término da Guerra do Paraguai, alguns liberais aliados a alguns jovens que ainda não haviam participado de atividades políticas assinaram, em 3 de dezembro de 1870, um manifesto republicano, fundando um clube e um jornal com essa tendência política. A partir dessas ações, surgiu o Partido Radical que recebeu adesões em boa parte da província.

Em 1871, além do seu escritório de advocacia, Glicério foi eleito Segundo-secretário da Sociedade Propagadora da Instrução, além de assumir o cargo de Secretário da Santa Casa de Misericórdia e participar da fundação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Glicério fez parte, também, da organização da Companhia Campineira de Águas e Esgotos, empresa da iniciativa privada, visando ao combate da febre amarela.

Fundou, ainda, ao lado do velho amigo Campos Sales e de dissidentes de partidos monarquistas, o **Colégio Culto à Ciência**, de grande importância para a educação e formação de várias gerações de estudantes.

Em 18 de abril de 1873, participou da Convenção de Itu, da qual participaram representantes republicanos de 17 cidades paulistas. Na convenção, aprovou-se a ideia de uma nova reunião na capital da província em 1º de julho.

Glicério também esteve presente ao Primeiro Congresso Provincial do Partido Republicano Paulista (PRP), tendo sido um dos signatários do manifesto divulgado no dia 2 de julho.

Uma comissão permanente foi designada, com a incumbência de fundar um jornal que fosse órgão do partido na Província de São Paulo.

Frustrada a tentativa de compra do “*Correio Paulistano*”, a comissão decidiu criar um novo periódico.

Finalmente, no dia 1º de novembro de 1874, foi lavrado o contrato social, com a assinatura de 20 (vinte) sócios, entre eles Francisco Glicério, para a publicação de um jornal diário que recebeu o nome de “*A Província de São Paulo*”. O jornal começou a circular no dia 4 de janeiro de 1875 e, após a proclamação da República, passou a se chamar “*O Estado de São Paulo*”.

Dessa forma, Francisco Glicério construiu sua liderança e popularidade, incentivando o povo a aderir ao regime republicano.

No dia 7 de novembro de 1889, em Campinas, Glicério recebeu um telegrama de Campos Sales, solicitando sua presença em São Paulo. Na capital da Província, recebeu informações transmitidas por Campos Sales e Bernardino de Campos, a respeito de várias notícias enviadas por Aristides Lobo, sobre os acontecimentos da Corte Imperial. Diante das informações, Glicério embarcou para o Rio de Janeiro.

Na noite de 10 de novembro de 1889, Glicério esteve presente a um encontro na casa do Marechal Deodoro da Fonseca, em companhia de Aristides Lobo, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Coronel Benjamin Constant, Major Sólon Ribeiro e Tenente-coronel João Tomás Cantuária. Nessa importante reunião decidiu-se pela queda do Império.

Consumado o Golpe de Estado que pôs fim à Monarquia, na manhã do dia 15 de novembro, em reunião na casa de Aristides Lobo, Glicério teve seu nome indicado pelos amigos para o cargo de Ministro da Agricultura do novo governo, mas recusou o convite e indicou Demétrio Ribeiro, que representava os republicanos do Rio Grande do Sul.

Na oportunidade, indicou os nomes de Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Campos Sales para o ministério, sendo os demais nomes apontados por Quintino e Aristides.

O Marechal Deodoro da Fonseca, juntamente com seus ministros, divulgou para todo o país uma proclamação sobre os acontecimentos que levaram à instauração de um novo regime político no Brasil.

No dia 17 de novembro, Glicério regressou a São Paulo, a fim de colaborar com seus amigos republicanos na reorganização da administração do Estado de São Paulo.

No dia 16 de novembro, fora formada uma Junta Governativa integrada por Prudente de Moraes, Francisco Rangel Pestana e o Coronel Joaquim de Sousa Mursa.

A Junta permaneceu à frente do governo até 14 de dezembro de 1889, ocasião em que Prudente de Moraes foi nomeado pelo Marechal Deodoro, o Primeiro Governador do Estado de São Paulo.

Em 31 de dezembro do mesmo ano, por decreto do Chefe do Governo Provisório, foram nomeados Francisco Glicério e Luís Pereira Barreto, para os cargos de Primeiro e Segundo Vice-governadores de São Paulo, com a posse ocorrendo no dia 22 de janeiro de 1890.

Por duas vezes Francisco Glicério foi chamado ao Rio de Janeiro para aplinar dificuldades que se apresentaram entre o Marechal Deodoro da Fonseca e Demétrio Ribeiro, indicado por Glicério para o cargo de Ministro da Agricultura.

Na segunda vez, por insistência do Marechal Deodoro, Glicério acabou sendo nomeado para a pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em substituição a Demétrio.

Glicério assumiu o ministério em 31 de janeiro de 1890, reve-

lando-se grande conhecedor dos problemas da pasta, como a colonização, a imigração e os transportes.

Em junho de 1890, Campos Sales, foi abrigado a se afastar do Ministério da Justiça, por motivo de doença, Glicério foi designado por Deodoro para assumir, interinamente, também essa pasta.

Por ato de Deodoro, datado de 18 de junho de 1890, foram conferidas as honras de General de Brigada do Exército Brasileiro a todos os integrantes civis de seu Ministério, em razão do patriotismo e dos relevantes serviços prestados à nação. O tratamento de General, contudo, seria aplicado somente a Glicério a partir de então.

Durante 48 (quarenta e oito) anos Francisco Glicério participou ativamente da vida política do país, exercendo diversos cargos de relevo no cenário brasileiro.

Francisco Glicério de Cerqueira Leite faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de abril de 1916, aos 70 (setenta) anos, em pleno exercício do mandato de Senador da República.

FONTES DE PESQUISA:

<https://cpdoc.fgv.br> (consulta feita em 16/11/2025).

<https://brasilescola.uol.com.br> (consulta feita em 16/11/2025).

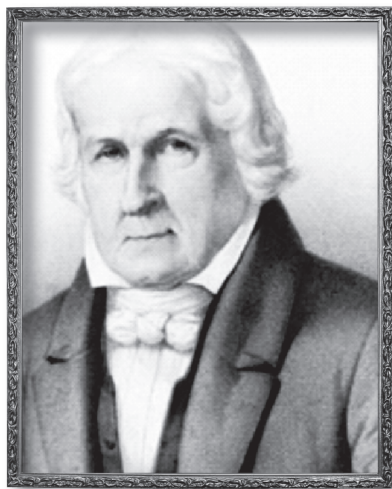
<https://conheca.campinas.sp.gov.br> (consulta feita em 16/11/2025).



JOSÉ BONIFÁCIO

José Bonifácio nasceu na cidade de Santos, no dia 13 de junho de 1763, na então Província de São Paulo.

A Rua José Bonifácio, localizada no Bairro Aparecida, tem como patrono o “Patriarca da Independência” e tem início na Avenida João Pinto Ferreira se estendendo até a Praça “Margarida Berchieri”, no Bairro Ponte Seca.



É uma das mais antigas vias da cidade, pois dela há registros no Livro de Atas da Câmara Municipal, com a data de 20 de abril de 1895, ocasião em que o prefeito Paulino Braga propõe a denominação oficial de ruas, avenidas e logradouros públicos locais, em cujo texto se encontram as seguintes informações:

“(...) as ruas do bairro além córrego são: São João, Liberdade (posteriormente Quintino Bocaiuva) e José Bonifácio; a Praça d’Aparecida.”

Ao longo do tempo, em seu trajeto, foram instalados importantes instituições religiosas, estabelecimentos comerciais e industriais que têm marcado a História de Jaboticabal.

Dentre muitos outros, podemos citar, na parte religiosa, um dos primeiros templos dedicado à Padroeira do Brasil (atualmente conhecida como Capela do Milagre), o Santuário Diocesano de Nossa Senhora Aparecida, a Cúria Diocesana (instalada no prédio que abrigou por muitos anos o Convento dos Frades Carmelitas, responsáveis pelo Santuário), o barracão de festas da Paróquia (edificado no terreno em que ficava a Praça d’Aparecida, antigo local ajardinado no qual se encontravam o átrio da Capela, um monumento cruciforme e um coreto entre muitas árvores).

Entre a Avenida Paulino Braga e a Travessa Frei Manuel, ao lado do Santuário, foi instalado o Grupo Escolar “Bairro da Apareci-

da” que, a partir de 20 de agosto de 1962, foi transferido para novo prédio construído na Avenida João Pinto Ferreira, esquina com a Rua José Assunção. No local, passou a funcionar a Escola “Sesi”; atualmente, é uma unidade educacional mantida pelo Município.

No que se refere a estabelecimentos comerciais, ao longo da via, instalaram-se antigos armazéns de secos e molhados (atualmente supermercados), açougues, bares, lojas, farmácias, oficinas mecânicas, alfaiatarias, salões de beleza, barbearias e muitos outros prestadores de serviço.

Na parte industrial, destacou-se por muitos anos, na confluência com a Avenida José da Costa, a empresa Martins Cruz e Companhia, instalada no ano de 1935 como uma oficina de consertos e fabricação de implementos agrícolas e que, em virtude de seu grande progresso, teve de transferir suas instalações para uma área bem maior às margens da Rodovia Faria Lima. Após demolição das antigas dependências, no terreno, foi construído um Posto de Combustíveis.

Nos primórdios do Século XXI, na esquina da Avenida Basilio da Costa Fontes, em um prédio reformado e ampliado onde anteriormente funcionara a Casa Donadon, especializada em comercializar materiais para construção, foi instalado o Fórum Trabalhista, fato esse que tornou o local um dos mais movimentados da cidade.

José Bonifácio, na juventude, dirigiu-se para Portugal onde estudou Mineralogia, Matemática, Filosofia e Leis, formando-se em Direito pela Universidade de Coimbra.

No dia 31 de janeiro de 1790, em Lisboa, casou-se com Narcisa Emília O’Leary, irlandesa de nascimento, com quem teve três filhas: Carlota Emília, Gabriela Frederica e Narcisa Cândida.

Em 1819, após intensa atividade intelectual viajando por inúmeros países do Velho Mundo, pois dominava doze idiomas, falando fluentemente, em especial, francês, inglês, espanhol e alemão, retornou ao Brasil com 56 anos de idade, após permanecer por trinta anos na Europa.

Logo após sua chegada em nosso País, colocou-se à disposição

de Dom Pedro de Alcântara, que o colocou como Ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros, cargo no qual permaneceu entre janeiro de 1822 a julho de 1823.

Proclamada a Independência do Brasil, José Bonifácio comandou uma política centralizadora e organizou ações militares contra focos de resistência à separação de Portugal, razão pela qual tornou-se conhecido como “Patriarca da Independência”.

Quando da abdicação do Imperador Dom Pedro I, em 1831, assumiu a tutoria de futuro Imperador Dom Pedro II, até 1833.

Além de sua importante atuação política, teve destacada carreira como naturalista, notadamente no campo da Mineralogia, pois chegou a descobrir quatro novos minerais e oito espécies até então desconhecidas, razão pela qual recebeu reconhecimento internacional ainda em vida.

José Bonifácio faleceu em 6 de abril de 1838, aos 75 anos de idade, em Niterói, Rio de Janeiro, e seu corpo foi trasladado para Santos, sua cidade natal, onde está sepultado ao lado de seus irmãos Antônio Carlos, Patrício Manuel e Martim Francisco, no Pantheon dos Andradas, templo cívico que ocupa o espaço da antiga portaria do Convento do Carmo.



SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião nasceu em Narbonne, na França, no ano de 256 da Era Cristã. Ainda jovem, mudou-se com a família para Milão, na Itália, cidade natal de sua mãe. Alistou-se no Exército de Roma e tornou-se o soldado predileto do Imperador Diocleciano, conquistando o posto de Comandante da Guarda Pretoriana⁸.



Secretamente, Sebastião converteu-se ao cristianismo e divulgou a doutrina entre os soldados, muitos dos quais se tornaram cristãos.

Valendo-se de seu alto posto militar, Sebastião fazia visitas frequentes aos cristãos que seriam levados para o Coliseu⁹, onde seriam devorados pelos leões, ou mortos em lutas com os gladiadores. Transmítia-lhes palavras de ânimo e consolo, afirmando que, segundo os princípios do cristianismo, após a morte eles alcançariam a salvação eterna.

A fama de benfeitor dos cristãos se espalhou e Sebastião foi denunciado ao Imperador Romano. Este, que perseguia os cristãos do seu exército, tentou fazer com que Sebastião renunciasse ao cristianismo. Diante do Imperador, Sebastião não negou a sua fé, sendo condenado à morte.

Seu corpo foi amarrado no tronco de uma árvore e alvejado por flexas de seus antigos comandados que, aparentemente, o deixaram morto. Resgatado por algumas mulheres cristãs, que lhe dispensaram

⁸ Guarda pretoriana – elite da guarda pessoal dos Imperadores Romanos, uma força militar com funções de segurança, inteligência e controle das multidões. (N.AA.).

⁹ Coliseu – anfiteatro de grandes dimensões que, nos primeiros tempos do cristianismo, era o local de realização de jogos públicos, servindo, também, como palco para o martírio dos cristãos. (N.AA.).

todos os cuidados necessários, Sebastião conseguiu se restabelecer.

Depois de recuperado, Sebastião continuou evangelizando, mesmo diante dos pedidos dos cristãos para que não se expusesse. No ano 287 da Era Cristã, aos 31 (trinta e um) anos de idade, na presença do Imperador, pediu para que as perseguições e mortes dos cristãos tivessem fim.

Seus pedidos foram ignorados e o Imperador Diocleciano ordenou que o açoitassem até a morte e, a seguir, lançassem o seu corpo no esgoto público de Roma, para que Sebastião não passasse a ser venerado como mártir pelos cristãos.

Pela segunda vez, o corpo de Sebastião foi recolhido. Uma das mulheres que havia resgatado o seu corpo sonhou que ele pedira para que fosse sepultado próximo das catacumbas dos apóstolos.

No século IV, o Imperador Constantino, que se convertera ao Cristianismo, mandou construir a Basílica de São Sebastião, em sua homenagem, perto do local onde estava sepultado, junto à Via Appia, tendo início, então, o seu culto.

Conta a tradição que, naquela época, Roma estava sendo assolada por uma terrível peste e que a partir do traslado das relíquias de São Sebastião, a epidemia desapareceu como que por milagre. São Sebastião passou, então, a ser venerado como “santo padroeiro contra a peste, a fome e a guerra”.

Durante a Idade Média, a igreja dedicada a ele tornou-se centro de peregrinação, recebendo, até hoje, devotos e peregrinos de todas as partes do mundo. Sua festa é celebrada no dia 20 de janeiro.

São Sebastião foi um dos mártires dos primeiros séculos da Igreja Cristã por professar e não renegar sua fé em Cristo, despertando grande devoção por parte de católicos portugueses e de brasileiros de diversas regiões do país, especialmente da cidade do Rio de Janeiro, da qual é padroeiro.

Nos primórdios da cidade de Jaboaticabal, os administradores de então, em homenagem a São Sebastião, deram o seu nome a uma de suas principais vias públicas.

Fontes consultadas:

Mapa Oficial da cidade de Jaboticabal.



SÃO JOÃO

De acordo com os textos bíblicos, João era parente de Jesus Cristo, pois era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, prima de Maria, a mãe de Jesus, o qual iniciou Sua missão evangelizadora após ter sido batizado por João Batista nas águas do Rio Jordão.

A Rua São João é importante via pública da cidade, visto que liga a Esplanada da Prefeitura Municipal com o Distrito Industrial “Bruno Verardino”, sendo utilizada por frotas de caminhões que adentram a região urbana pela Via Marginal “Carlos Berchieri” em direção às empresas que lá se encontram localizadas.

Seu cruzamento com a Avenida “Bento Vieira”, antiga Rua “da Estação”, no passado, foi um dos mais movimentados da região central, em virtude do grande número de pedestres e de veículos que por ali transitavam com destino à Praça da Catedral.

Em épocas remotas, foi conhecida como a Rua “Boiadeira”, porque era o caminho por onde passavam as boiadas que vinham da região de Barretos com destino ao matadouro municipal que ficava localizado nas proximidades de onde se encontra o Lago Municipal.

Até a metade do Século XX, grande parte de seu trajeto era de terra batida, pois apenas três quadras entre a Avenida “Bento Vieira” e a Avenida “José da Costa” eram calçadas com paralelepípedos.

Nela as crianças brincavam livremente em sua extensão, somente correndo para dentro das residências quando passava conduzida por um cavaleiro a mula madrinha, com um sininho pendurado em seu pescoço tilintando, sinal que anunciava a chegada de uma boiada.

Então, as mães gritavam apavoradas: “Já pra dentro que lá vem boi.”

Por ocasião das festas juninas, fogueiras eram montadas em



frente das casas, no lado da rua, e a agitação era geral com cantorias em meio a bombinhas e busca-pés.

Seu nome, Rua São João, foi dado em homenagem a São João Batista, considerado na tradição católica como o “Protetor das Águas”.

FONTES DE PESQUISA:

BÍBLIA SAGRADA. *Edição Pastoral*. São Paulo: Editora Paulus. 1990.

COMUNICAÇÃO PESSOAL. Antônio Pascoal André. 2026.

MIMI ALEMAGNA

Antes de tratar especificamente da biografia de Domingos Alemagna, cognominado Mimi Alemagna, torna-se necessário fazer um breve relato a respeito dos motivos que deram origem à Revolução de 1932.

Em artigo publicado no jornal “O Combate”, edição do dia 13 de julho de 2001, Luiz Carlos Beduschi teceu considerações sobre a participação de Jaboticabal na Revolução de 32.



A Revolução Constitucionalista de 1932 foi um dos acontecimentos mais significativos da História de Jaboticabal.

Cabe recordar que, em 1930, o Ditador Getúlio Vargas havia assumido o poder pela força das armas, depondo o Presidente da República Washington Luís.

O Governo Ditatorial, logo no início de 1932, passou a ser alvo de manifestações de repúdio por parte do Povo Paulista.

No dia 23 de maio de 1932, ocasião em que participavam de uma passeata pelas ruas da capital, quatro jovens: **Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo**, foram covardemente assassinados pelos simpatizantes da ditadura Vargas. As iniciais dos nomes dos quatro jovens deram origem ao MMDC, organização que passou a comandar a mobilização do Estado de São Paulo contra o poder ditatorial.

O movimento armado teve início no dia 9 de julho de 1932. Batalhões de voluntários se uniram aos soldados da Força Pública e aos soldados do Exército, aquartelados em São Paulo. Todos os paulistas foram chamados a participar do levante armado. Jovens jaboticabenses atenderam ao chamamento cívico de São Paulo e passaram a se alistar.

Três dias depois do início da revolução, a **Comissão Municipi-**

pal Coordenadora do Movimento Constitucionalista, presidida pelo Prefeito Municipal, Dr. Waldemiro Vieira Marcondes, recebeu as primeiras adesões. Do dia 12 de julho até o dia 30 de agosto, foram alistados 393 (trezentos e noventa e três) voluntários, entre eles os integrantes do Batalhão Tonanni.

A mulher jaboticabalense também teve participação importante no movimento. A confecção de uniformes e agasalhos para os combatentes, várias campanhas de arrecadação de alimentos e de recursos contaram com a participação da mulher jaboticabalense.

Além dessas atividades, 22 (vinte e duas) mulheres de nossa cidade frequentaram um Curso Prático de Enfermagem, ministrado pelo Dr. Alcides Lafranchi e pelo Dr. Hilário dos Santos, dando, assim, exemplo de civismo e de amor à causa de São Paulo, ao enfrentar a tirania e a prepotência da ditadura imposta por Getúlio Vargas ao Brasil. São Paulo exigia respeito à Lei e ao Estado Democrático de Direito.

Durante os três meses de combate, as armas da ditadura fizeram muitas vítimas, entre elas seis filhos de Jaboticabal.

Tombaram nos campos de batalha os jovens: Domingos (Mimi) Alemagna, Norival Lacerda, Batista Tibério de Almeida, Nelson Spielmann, Raul Maçoni e Ari Cajado de Oliveira.

Para elaborar a biografia de Mimi Alemagna, vamos nos valer de parte do conteúdo do livro **“Jaboticabal na Revolução Paulista”**, publicação organizada por Ayres de Campos e Dorival Martins de Andrade, editada em 1982, por ocasião do transcurso do Cinquentenário do Movimento Constitucionalista. Faremos uso, também, das coleções dos jornais “O Combate” e “O Democrata” de Jaboticabal.

Os dados das referidas publicações, observadas as necessárias adaptações, em função das normas ortográficas vigentes, serão expostos a seguir.

Mimi Alemagna partiu de Jaboticabal para São Paulo no dia 16 de agosto de 1932, acompanhado de mais 46 (quarenta e seis) voluntários.

No dia 18 de agosto de 1932, Mimi escreveu um bilhete dirigi-

do aos leitores do jornal “O Democrata”. A mensagem transcrita pelo pesquisador Aloísio Almeida em sua publicação: **Acervo Histórico de Jaboticabal, Volume II**, estava assim redigida:

“Aqui estamos incorporados no **Batalhão 9 de Julho**. O Nhonhô está conosco e está bem. Amanhã vamos prestar juramento à bandeira e depois seguiremos para a frente (de combate), não sei se para o Sul ou Norte, mas seja lá para onde for, estaremos sempre bem dispostos para a glória desta causa que é tão santa como Jesus. Lembranças de meus companheiros de jornada. Saudade do amigo que os abraça afetuosamente. Domingos Allemagna (Mimi)”.

De São Paulo, Mimi seguiu para a Frente de Combate, em Itapira, onde no dia 4 de setembro veio a falecer em combate, no local denominado Morro do Gravi¹⁰. Na época portava a graduação de Cabo das Forças Revolucionárias do Estado de São Paulo.

Mimi Alemagna tinha 28 (vinte e oito) anos quando faleceu. Era filho de Arthur Alemagna e de dona Josephina Fuccioula Alemagna. Tinha dois irmãos: Alderico e Augusto.

Segundo constou dos jornais da época, Mimi era viajante da Casa Pratt¹¹, possuidor de caráter firme, sendo apontado como moço distinto, trabalhador e possuidor de dilatado círculo de boas amizades.

Sepultado no Cemitério de Itapira, seu corpo foi trasladado para o cemitério local, em 27 de outubro daquele mesmo ano, ocasião em que a cidade de Jaboticabal assistiu a uma das mais comoventes manifestações populares de toda a sua história.

Na época, o jornal “O Democrata” publicou a seguinte notícia:

O corpo do bravo jaboticabalense, transportado do Cemitério de Itapira para esta cidade, foi acompanhado pelas seguintes pessoas: Dr.

¹⁰ Morro do Gravi - local histórico situado no município de Itapira, no Estado de São Paulo, conhecido principalmente por ter sido palco sangrento de combates durante a Revolução Constitucionalista de 1932. (N.AA.)

¹¹ Casa Pratt - importante empresa distribuidora de produtos no Brasil, famosa por comercializar máquinas de escrever Remington, especialmente a Remington Portátil, no início do século XX, marcando época nos escritórios do Rio de Janeiro e de São Paulo. (N.AA.).

Waldemiro Vieira Marcondes, Prefeito Municipal, Dr. Agenor Ferreira Guarita, Lourenço Zácarro, João Evangelista da Silva, Adelino R. Matta, Alberto Mendes, Theophilo Mabardi, Américo Martini, Arthur Alemagna, José Frigo, Francisco Filardi, João Gaglianone e Victor Lamparelli.

O esquife deu entrada às 9 horas da manhã no Largo da Estação. Ali falou o Dr. Vicente Checchia, que proferiu palavras de civismo e de saudades. Também se pronunciou o ex-combatente José De Biaggi Netto.

O extenso cortejo fúnebre rumou para a Esplanada da Catedral, na frente da qual foi oficiada missa solene de corpo presente.

A seguir, o carro fúnebre foi conduzido até ao Cemitério Municipal por ex-combatentes constitucionalistas de Jaboticabal.

No Cemitério Municipal, o Professor Aurélio Arrobas Martins pronunciou palavras comoventes, cheias de saudade.

Estiveram presentes às cerimônias representantes das associações de classe, corporações religiosas, recreativas e esportivas, estabelecimentos de ensino, imprensa, comércio e operariado.

As Corporações Musicais “Gomes-Puccini” e “Pietro Mascagni”, também compareceram devidamente uniformizadas.

Em função das solenidades referentes ao traslado do corpo de Mimi Alemagna, de Itapira para Jaboticabal, os jornais “O Democrata” e “O Combate” consignaram manifestações a respeito do acontecimento, enaltecendo a figura do jovem combatente falecido.

O jornal “O Democrata”, nº 1789, edição do dia 27 de outubro de 1932, publicou breves considerações a respeito do jovem Mimi Alemagna, transcritas a seguir.

DOMINGOS ALEMAGNA

CHEGA HOJE A ESTA CIDADE O CORPO DO VALOROSO SOLDADO JABOTICABALENSE

Em louvável e dignificante gesto uma comissão de pessoas gradas desta cidade resolveu remover para Jaboticabal o corpo do valoroso voluntário jaboticabalense, morto heroicamente em

combate no Morro do Gravi, e sepultado no cemitério de Itapira/SP.

Mimi Alemagna, jovem benquisto em nossa cidade, onde os seus atributos de trabalho, de operosidade e de trato afável faziam-no estimado, descansará em sua terra natal o eterno sono do justo “cercado da admiração dos jaboticabalenses e da veneração dos pósteros”.

Jaboticabal abrigará avaramente em seu seio o corpo do idealista que não hesitou em dar a própria vida, ainda moça e cheia de aspirações, pela causa que abraçara convictamente, disposto a tudo, num desprendimento sublime e numa magnífica afirmação de fé e amor patriótico.

Jaboticabalenses, paulistas e constitucionalistas, hoje devem dar demonstração firme de vosso propósito de vencer com São Paulo, prestando ao inolvidável soldado da lei o preito sincero da nossa veneração, homenageando o corpo que marchou para a luta impulsionado pelo sublime ideal de São Paulo.

Cultuai sempre e sempre a memória de Mimi Alemagna, exemplo sublime de valor do desprendimento bandeirante.

A seguir, o jornal “O Democrata” destacou os principais tópicos da programação elaborada pela comissão encarregada pela recepção dos restos mortais do valoroso filho da cidade.

O jornal “O Combate”, número 2.900, edição do dia 27 de outubro de 1932, publicou texto em sua primeira página, enfocando a participação de Domingos Alemagna na Revolução de 1932, e o retorno de seus restos mortais à cidade de Jaboticabal. A matéria referida encontra-se reproduzida a seguir.

DOMINGOS ALEMAGNA

Inanimado e exumado do setor onde tombou, volta hoje para o repouso eterno, no seio hospitaleiro da terra que o viu nascer, o corpo de Domingos Alemagna, o estimado moço que soube sempre ser bom amigo, cidadão útil, esforçado e trabalhador, bom filho, bom brasileiro e paulista de escol.

Quando mais acesa transcorria a luta em prol da Constituição, quando se acentuava o fragor da metralha, esse moço teve o espírito concretizado, o coração espiritualizado, bem como os impulsos de seu brio de paulista e, sem desânimos, envergou a farda de voluntário e marchou para as trincheiras, para a conquista do seu ideal. Belo exemplo que há de perpetuá-lo na memória e no coração do povo paulista e engrandecê-lo no conceito de todos os brasileiros.

Deu, assim, o ouro de melhor quilate pelo bem de São Paulo, chegando até ao seu maior sacrifício pelo seu ideal e acompanhando a esteira luminosa por onde passaram os rijos bandeirantes, caiu no crepúsculo da vida, para ressurgir na madrugada da imortalidade, após ter cumprido o seu dever.

Morrer assim é exemplificar, é não deixar que se apague a chama bendita do civismo, para não permitir que as trevas venham a ocultar as estradas largas por onde um povo sadio e forte tem caminhado na busca das melhores conquistas na luta santa pelas suas reivindicações liberais.

Bravo soldado, as lágrimas de hoje banham o teu túmulo, o adeus das despedidas, as flores que cobrem o teu corpo, as saudades que todos nós temos de ti, se transformam nesta hora augusta na mais soberba e leal saudação à tua grande moral.

O tempo é implacável.

Acreditamos que já não existem testemunhas oculares dos acontecimentos ocorridos há quase cem anos.

A Revolução de 32 deve continuar viva na História da Pátria. O sangue derramado pelos paulistas e o idealismo que os motivou a pegar em armas jamais poderão ser apagados da nossa memória e da memória das gerações futuras.

A cidade de Jaboticabal perpetuou a memória de Mimi Alemagna, designando uma de suas principais vias com o nome do Voluntário Jaboticabalense Combatente de 1932.



EUCLIDES DA CUNHA

A Rua Euclides da Cunha tem o seu início na Praça Joaquim Nabuco (antigo Largo Santa Cruz) e se estende até o Córrego do Hospício, na ligação com a Rua João Maricato, no Bairro Alto.

Em seu trajeto, a maioria dos terrenos são ocupados por residências, oficinas, pequenos comércios, uma tradicional fábrica de móveis e um bem montado supermercado atacadista.



Euclides da Cunha, seu patrono, nasceu no Rio de Janeiro em 20 de janeiro de 1866. Estudou na Escola Militar da Praia Vermelha onde se formou engenheiro, tendo se dedicado também à carreira jornalística, à literatura e ao magistério.

Participou como correspondente do jornal O Estado de São Paulo na Guerra de Canudos (1896/1897), conflito no sertão baiano onde o exército brasileiro destruiu um arraial messiânico liderado por Antônio Conselheiro.

Em 1899, ao se transferir para a cidade paulista de São José do Rio Pardo, local em que supervisionou a construção de uma ponte, Euclides da Cunha retrata a resistência popular e o massacre ocorrido em Belo Monte no livro “Os Sertões”, lançado no fim do ano de 1902, obra literária que o consagrou no panorama cultural brasileiro.

Tendo em vista a magnífica aceitação do livro pelos leitores, em junho de 1903, foi publicada a segunda edição, momento em que Euclides da Cunha é eleito para ocupar a Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras.

Ao voltar para o Rio de Janeiro, trabalhou no Itamaraty ao lado de José da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira.

Em 1909, Euclides prestou concurso para a cadeira de Lógica

do Colégio Pedro II; tendo sido aprovado com méritos, ali lecionou até sua trágica morte no dia 15 de agosto do mesmo ano.

Em 1896, quando foi nomeado Superintendente de Obras Públicas do estado de São Paulo, Euclides da Cunha esteve à frente de uma série de construções em todo o território paulista, dentre elas, em Jaboticabal, a edificação do Grupo Escolar “Coronel Vaz” e a abertura da Estrada do Taboado.

A Estrada do Taboado foi uma rota histórica de vital importância projetada por Olavo Augusto Hummel e construída com a supervisão de Euclides da Cunha para rodagem de Jaboticabal à barranca do Rio Paraná.

Em épocas remotas, consta ter sido um picadão indígena que, com o passar do tempo, foi oficializada como estrada boiadeira pelo Governo de São Paulo no ano de 1892, ligando Jaboticabal, local então conhecido como “Boca do Sertão”, ao Porto do Taboado, divisa com o Mato Grosso.

Depois de pronta, passou a servir de ligação entre Jaboticabal e o Porto do Taboado no Rio Paraná, estendendo-se pelo Mato Grosso em direção norte até Santana do Paranaíba, povoação fundada em 1838. O início do trajeto era a atual Rua Euclides da Cunha, saída para o Bairro Alto.

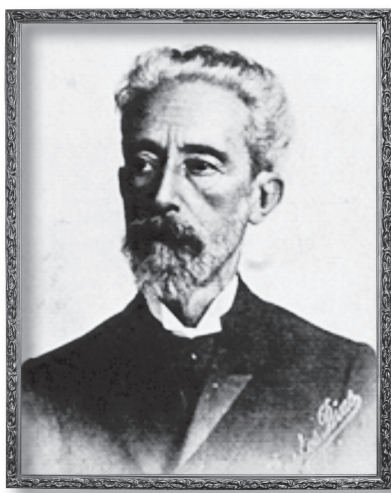
No percurso que ligava Jaboticabal com o Porto do Taboado, entre matas e cerrados, encontravam-se os arraiais: Capelinha (Aparecida do Monte Alto); São José do Paraíso (Taiaçu); Santo Antônio da Bela Vista (Pirangi); Cordão Escuro (Palmares Paulista); Cerradinho (Catanduva); Rancharia (Tabapuã); São José do Rio Preto; Jataí (Tanabi).

Seguindo quase que seu roteiro primitivo, nos dias de hoje, existe a Rodovia Euclides da Cunha, SP 320, que se estende de Mirassol ao Rio Paraná, local em que foi construída a famosa Ponte Rodoviária Rollemberg-Vuolo, inaugurada em 1998, a maior do Brasil, com 3.700 metros de extensão, a qual liga Aparecida do Taboado (MS) a Rubineia (SP), o que facilitou sobremaneira a conexão entre os dois

QUINTINO BOCAIUVA

Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva, nasceu na época do Império, no dia 4 de dezembro de 1836, em Itaguaí R/J e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1912, aos 75 anos de idade.

O CPDOC¹² disponibiliza informações preciosas sobre a vida e a obra de Bocaiuva, como se verá a seguir de maneira sumária. Era filho de Quintino Ferreira de Sousa e de Maria Candelária Moreno y Alagon. Sua mãe era natural da Argentina, filha de um espanhol e de uma uruguaia. Quintino viveu até os dez anos de idade na Argentina.



Com morte do pai, em 1849, aos 13 (treze) anos de idade, Quintino transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde, no ano seguinte, graças ao apoio financeiro de um tio, iniciou os estudos no Curso de Humanidades anexo à Faculdade de Direito, visando cursar o curso ministrado pela Faculdade do Largo de São Francisco.

Em 1852, na capital paulista, fez suas primeiras incursões na atividade jornalística, publicando poemas escritos em espanhol e artigos em “O Acaiaba¹³”, jornal literário acadêmico, e “A Honra”, periódico político que fundou em 1853 com Antônio Ferreira Viana e em cujas páginas apresentou suas primeiras posições republicanas.

Na ocasião, estimulado pelo nativismo indigenista que seduzia os estudantes, substituiu o sobrenome paterno por Bocaiúva, nome

12 CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, unidade da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que guarda acervos históricos e produz conhecimentos em Ciências Sociais. (N.AA.).

13 Acaiaba - ou acajaíba é um termo de origem tupi que significa cajazeira, a árvore que produz o cajá, originária do Brasil e refere-se à cajazeira, cajá, ambuzeiro ou umbuzeiro. Pode aparecer como referência a grupos indígenas (Botocudos/Acaiabas), que, ao que parece, é o caso. (N.AA.).

dado por indígenas a uma espécie de palmeira muito encontradiça no Brasil.

Em decorrência de problemas financeiros, teve de abandonar os estudos em São Paulo, retornando ao Rio de Janeiro, onde iniciou a carreira de teatrólogo, com a encenação, em 2 de janeiro de 1856, de sua peça “Trovador” no Teatro São Januário.

A partir de março de 1860 passou a editar com Joaquim Salda-
nha Marinho o “Diário do Rio de Janeiro”, jornal que tinha entre seus colaboradores o escritor Machado de Assis. No jornal, fez marcantes coberturas das questões de política externa brasileira na Região do Prata.

Ainda em 1860, no mês de dezembro, casou-se com Luísa Amélia de Almeida Costa, com quem teria sete filhos. No ano seguinte, na capital paulista, ingressou na Loja Maçônica “Amizade”.

Durante a Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai (1865-1870), foi correspondente na Argentina, ocasião em que, segundo alguns autores, consolidou suas convicções republicanas.

Em 1885, Quintino enviuvou, casando-se pela segunda vez, em 1892, com Ana Bianca Rossi, nascida em 1861, em Torino, Itália, e falecida em 15 de fevereiro de 1920, em Pindamonhangaba S/P, com a qual teve oito rebentos.

Na Maçonaria, de 1901 a 1904, ocupou o cargo de Grão-Mestre do Grande oriente do Brasil, posto mais elevado na hierarquia da Ordem Maçônica.

Não foi pela prole numerosa de 15 (quinze) filhos, nem pelo destaque alcançado na Maçonaria que Quintino Bocaiúva deixou marcada sua passagem pela História do Brasil e, sim, pela sua brilhante carreira na vida pública tanto no Regime Imperial quanto no Regime Republicano.

Jornalista, ficou conhecido por sua atuação no processo da Proclamação da República. Como político, tornou-se o primeiro ministro das Relações Exteriores da República, de 1889 a 1891, e Presidente da

Província do Rio de Janeiro, de 1900 a 1903.

Em Jaboticabal, uma das principais vias públicas da cidade leva o seu nome.

A Rua Quintino Bocaiuva fica no Bairro Aparecida e tem o seu início na Avenida João Pinto Ferreira e se estende até a Avenida Dr. Fontes.

É uma das vias mais antigas de Jaboticabal, pois a ela se faz alusão no relatório oficial que se refere a logradouros públicos que se encontra no Livro de Atas, com data de 20 de abril de 1895, ocasião em que o intendente (prefeito) Paulino Braga propõe à Câmara Municipal a denominação de ruas, avenidas e praças públicas.

Eis um fragmento do texto: “ (...) *as ruas do bairro além córrego são: São João, Liberdade e José Bonifácio; a praça d’Aparecida.*”

Por meio desse documento, pode-se concluir que, no fim do século XIX, na Colina Santa, existiam três ruas e uma praça onde se localizava a primitiva Capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida.

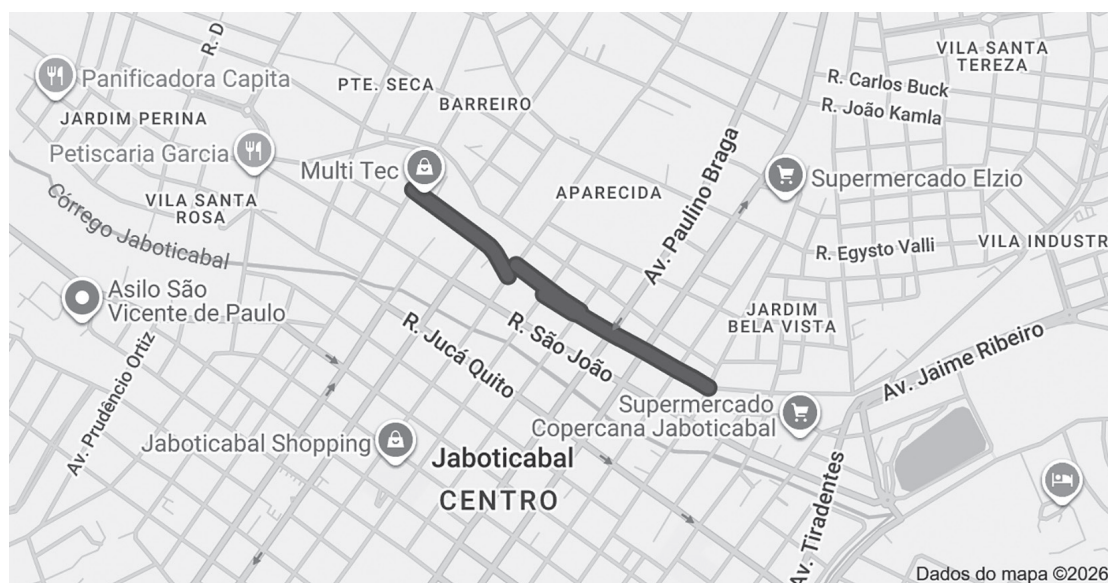
Posteriormente, a Rua da Liberdade teve seu nome alterado para Quintino Bocaiuva.

Até meados do século XX, em seu trajeto que acompanhava a parte superior do traçado dos trilhos da estrada de ferro da Companhia Paulista, havia poucos estabelecimentos comerciais e era povoada por famílias de comerciantes, prestadores de serviço e, sobretudo, de agricultores da região de Lusitânia os quais vieram residir na cidade e que ali construíram suas residências. Dentre elas, pode-se destacar: Neves, Lacerda, Sitta, De Biagi, Lamparelli, Cunha, Grecco, André, Brunini, Lopes, Moretti, Ferreira, Oliveira, Bianco...

Atualmente, entre a Avenida Dr. Liberato da Costa Fontes e a Avenida Capitão Basiliano da Costa Fontes, a rua se bifurca e, nesse espaço, encontra-se uma área arborizada com alguns bancos que servem de ponto de encontro para os moradores da vizinhança.

FONTES CONSULTADAS:

1. Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, disponível no endereço eletrônico <http://cpdoc.fgv.br>, BOCAIUVA, Quintino PDF.
2. Depoimento do Prof. Antônio Pascoal André



ISABEL, A RAINHA SANTA

Isabel não era portuguesa de nascença. Veio ao mundo, em 1271, em solo aragonês.

A pequena filha de Pedro III de Aragão e de Constança da Sicília foi grande seguidora de São Francisco de Assis, dotada de alma voltada para o atendimento dos pobres e necessitados.

Pacificou ânimos e guerras desde o berço até a hora da morte. Não houve doente que se furtasse à sua influência benéfica. Todos saíam de sua presença dispostos a reconciliar-se com Deus e a perdoar o próximo.



Quando Isabel nasceu, havia uma briga entre seu pai e seu avô, Jaime I, “O Conquistador”. Não se falavam há tempos, porque o Rei Jaime I de Aragão não aprovava o casamento de seu filho Pedro com Dona Constança. Após o nascimento de Isabel, as desavenças domésticas foram se arrefecendo e houve grande harmonia naquela casa real.

Seu avô Jaime tinha grande predileção por Isabel e fez questão de que ela fosse educada em seu palácio, para poder desfrutar da companhia da menina. Após o falecimento de Jaime I, a infanta permaneceu ainda alguns anos com seus pais. Muito em breve ela se tornaria Rainha de Portugal.

Em 1282, aos 12 anos, partiu para as terras lusas, a fim de contrair matrimônio com Dom Dinis, que acabava de subir ao trono. Logo ao chegar, concorreu para estabelecer a paz, entre Dom Dinis e seu irmão que lhe disputava a coroa.

Isabel não descurou das obrigações impostas pela sua condição de rainha, estando presente em todas as festividades do reino; portava a coroa e trajava os mais ricos vestidos para, ao lado do rei, receber as autoridades ilustres que vinham honrá-la.

A fé inabalável em Deus preparou-a para enfrentar os grandes dissabores que a aguardavam.

Após o nascimento de seus dois filhos, Constança e Afonso, Isabel suportou heroicamente a vida devassa levada por Dom Dinis. Sem murmurar ou impacientar-se, ela rezou muito e fez penitência pela conversão do soberano.

Assistiu, com maior sofrimento, ainda, às inimizades entre governantes seus parentes, que por ambição disputavam entre si terras e honrarias e, que, em consequência de suas pretensões, causavam derramamento de sangue.

Corajosamente, Isabel impediu uma grande quantidade de combates que estavam a ponto de acontecer.

Dom Dinis e Dom Afonso, irmão do rei, estavam em franca disputa pela coroa de Portugal. Ao mesmo tempo, o rei, seu esposo, mantinha sérias contendas em torno das fronteiras entre os reinos de Portugal e de Castela com o monarca Sancho IX.

Anos mais tarde, Dom Fernando IV de Castela, seu genro, e Dom Jaime II de Aragão, seu irmão, nutriam feroz inimizade que caminhava para um terrível enfrentamento. Por outro lado, seu irmão, Frederico da Sicília, e Roberto de Nápoles guerreavam violentamente por razões políticas...

Quantas lágrimas este quadro desolador custou ao seu coração! Erguendo constantes preces a Deus e implorando a cada um desses soberanos que ouvisse a voz da justiça, ela saiu vitoriosa em todas as desavenças nas quais interveio.

Isabel provou que a paz não é devida, exclusivamente, a tratados e a considerações de caráter econômico, quando os contendores aplacam a ira e o ódio por meio da mansidão e da clemência.

A mais dolorosa atuação da Rainha Isabel, aquela que lhe custou mais sofrimentos e angústias, foi a de enfrentar a rebeldia de seu filho contra o rei.

Desejoso de mandar logo no reino e julgando que a coroa tardava muito, o invejoso herdeiro quis proclamar-se rei e declarou guerra a Dom Dinis.

Desprezando todos os bons exemplos que sua mãe sempre lhe

dera, organizou um exército e defrontou-se contra o autor de seus dias.

De um lado, o rei marchava diante de seus homens, disposto a tudo para manter o cargo que lhe cabia por direito. De outro, o filho insolente enfrenta-o, desprezando o mandamento divino que o obriga a honrar pai e mãe.

No momento em que o silêncio nos dois campos inimigos indica o início da batalha, surge a figura intrépida da rainha: em sua veloz montaria, ela irrompe na arena da discórdia e se interpõe entre as duas criaturas que mais ama neste mundo, para implorar o perdão e a paz.

O olhar da Rainha, sempre carregado de doçura, volta-se desta vez severo e penetrante para o filho ambicioso: “Como te atreves a proceder deste modo? Pesa-te tanto assim a obediência que deves a teu pai e senhor? Que podes tu esperar do povo no dia em que te caiba governar o reino, se estás a legitimar a traição com este mau exemplo? Enfim... se de nada te servem os meus conselhos e carinho de mãe, teme ao menos a ira de Deus, que justamente castiga os escândalos”!

Seria possível resistir a este apelo materno, feito diante de milhares de súditos? Arrependido e cheio de confusão, o filho ajoelha-se sem replicar, pede perdão ao rei e jura-lhe fidelidade. Mais uma vez, a Rainha afasta as nuvens ameaçadoras do horizonte, fazendo brilhar, para gáudio de todos, o arco-íris da bonança.

A par de seu espírito pacificador, foi na prática da caridade e no amor aos pobres que o seu amor a Deus se projetou inteiramente.

A Rainha, tanto se dedicou aos fracos, cuidou dos enfermos, fundou hospitais e protegeu toda categoria de desvalidos, que não é possível encontrar explicação humana para a fecundidade assombrosa de suas iniciativas.

Quando a querida rainha saía no paço, uma multidão de infelizes a seguia, pedindo socorro, e nunca um deles se retirava sem ser generosamente atendido. Gostava de cuidar pessoalmente dos leprosos mais repugnantes, tratar-lhes as chagas e lavar-lhes as roupas.

Isabel encaminhava os órfãos e as viúvas para uma vida digna e até na hora da morte não abandonava os infelizes, para os quais provi-

denciava uma sepultura digna e mandava celebrar Missas em sufrágio de suas almas.

Como consequência de sua fé inabalável, muitos doentes saíam de sua presença inteiramente curados.

Após a morte de Dom Dinis, em 1325, a Rainha Isabel contava 54 (cinquenta e quatro) anos de idade, e ainda viveu mais onze. Passou a viver exclusivamente para a oração e a caridade.

Entre as obras de construção de iniciativa da Rainha Isabel citam-se: o Santuário do Espírito Santo, em Alenquer; o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra e o mosteiro cisterciense de Alentejo. Ela também criou o Hospital dos Inocentes, em Santarém, para abrigar crianças abandonadas. Outras instituições foram ajudadas pela rainha, como hospitais para leprosos, creches e asilos.

Em 1335, após a morte do seu marido, Isabel foi morar na cidade de Coimbra, no mosteiro das clarissas. Ela abdicou seu título de rainha, entregou a coroa no altar de São Tiago de Compostela e entrou na Ordem Terceira Franciscana. Toda sua riqueza foi dividida entre obras de caridade e, assim, viveu na pobreza até a morte, em 4 de julho de 1336, realizando até o fim trabalhos voluntários com doentes e necessitados.



Em 1665, depois de 329 (trezentos e vinte e nove) anos de sua morte, a Rainha Isabel de Portugal foi canonizada pelo papa Urbano VIII.

Considerada padroeira de Portugal, ela é conhecida por ser a Rainha Santa da Concórdia e da Paz por ter pregado esses valores ao longo de toda sua vida.

O Hospital e Maternidade de Jaboticabal, desde a sua fundação em 1904, adotou Santa Isabel como sua padroeira.

FONTES CONSULTADAS:

1. A História de Santa Isabel Rainha de Portugal - Paróquia Santa Isabel Rainha, disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://isabelrainha.com.br/a-historia-de-santa-isabel-rainha-de-portugal/>
2. Post de Paróquia Santa Isabel de Portugal, disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/igrejasantaisabel/posts/historia-de-santa-isabel-mãe-e-rainha-bondosa-e-decidida-corajosa-e-pacificadora/654145864>

JUSTINO FERREIRA DA ROCHA

A Rua Padre Justino Ferreira da Rocha encontra-se situada no Bairro Jardim Nova Aparecida, entre a Alameda Zenon Vargas da Silva e a Rua Mario Moretti

Nos primórdios do Século XIX, os primeiros colonizadores, em sua maioria de origem lusitana, foram se estabelecendo ao norte da Província de São Paulo, transplantando os valores cristãos inerentes de sua cultura.

No início da década de 1840, na região do Planalto Paulista conhecida por Jaboticabal em virtude da grande presença dessa árvore frutífera originária no local, havia se formado uma povoação em torno de uma Capela construída num Patrimônio de terras, com uma área de 415,18 alqueires paulistas, doado a Nossa Senhora do Carmo por João Pinto Ferreira pois, em 12 de agosto de 1843, tinha sido criado o Curato de Nossa Senhora do Carmo do Jaboticabal, tendo como primeiro cura o Padre Justino Ferreira da Rocha, proveniente da Vila de São Bento de Araraquara.

Por meio de buscas realizadas pelo historiador Arthur Pequeroby de Aguiar Whitaker, nos arquivos do Primeiro Cartório de Araraquara, foi encontrada a escritura de doação feita por João Pinto Ferreira e sua segunda esposa, Maria Perpétua de Magalhães, a qual foi lavrada em casa dos doadores, já na Capela de Jaboticabal, para onde viera o tabelião Lourenço Leonardo de Campos, no dia 19 de outubro de 1844.

Assinou o documento como testemunha de outorga o Padre Justino Ferreira da Rocha e o senhor Francisco de Paula Rodrigues, administrador de patrimônio da Capela, recebeu a escritura em nome da Fábrica de Nossa Senhora do Carmo, termos esses usados na época para denominar uma instituição religiosa que se destinava à manutenção de uma paróquia como entidade econômica e jurídica.

Eis um fragmento do texto da escritura:

João Pinto Ferreira e sua segunda esposa Maria Perpétua de Magalhães, senhores de umas posses (...) dentro de cujo terreno e

matas de cultura se havia fundado com seus consentimentos a povoação de Jaboticabal, e para se edificar uma capela de Nossa Senhora do Carmo do Jaboticabal e hoje elevada a Capela Curada, e de suas muito livres vontades, de hoje em diante para todo o sempre, doam para Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo do Jaboticabal o terreno que já se acha demarcado desde o ano de 1828. (Primeiro Cartório de Araraquara)

Tal fato ocorreu em virtude de haver uma exigência por parte da Santa Sé de que uma capela destinada ao culto público deveria possuir seu patrimônio de terras, isto é, não estivesse submetida ao domínio de um proprietário rural.

Pouco se sabe sobre a pessoa de Padre Justino Ferreira da Rocha, sua origem, sua formação, suas características físicas, sua idade, a não ser que estava como sacerdote na igreja de São Bento de Araraquara e de lá viera para Jaboticabal.

O que existem são antigas referências sobre sua presença em Jaboticabal, anotadas a mão por ele mesmo em arquivos como o **Primeiro Livro de Registros de Batismos do Curato** onde consta que, no dia 12 de agosto de 1843, aconteceu o primeiro batismo de uma criança nas dependências da Capela: “*Lucinda, filha natural de Maria de Jesus...*”

Em 20 de agosto, realizou-se o segundo batizado:

“Eu, Capelão Justino Ferreira da Rocha, batizei hoje solenemente uma criança do sexo masculino, a quem pus o nome de Joaquim, filho legítimo de Antônio de Souza Costa e de sua mulher Francisca da Conceição Alves, residentes neste Curato...”

Cópia dos primeiros assentamentos de batismo

Em anotações feitas por meio de sua caligrafia, realizadas no mês de outubro de 1853, Padre Justino assim se expressou:

“Neste imenso sertão, onde reside uma população calculada em duas mil pessoas, de conformidade com o Livro de Batismos, calcula-se que haja cerca de trezentas e cinquenta crianças para serem escolarizadas. O sertão é vasto, intrincado e há dificuldade para se dar uma estimativa certa da população que forma o Curato de Jaboticabal.”

Em 19 de julho de 1854, um apelo é feito ao Inspetor Geral da Instrução, Dr. Diogo de Mendonça, reforçando um documento anteriormente enviado em fevereiro do mesmo ano, onde Padre Justino tinha solicitado um professor de primeiras letras para o Curato, assim parcialmente manuscrito:

“...dizem que na Vila de Araraquara chegou um novo professor de nome Francisco de Paula Ribeiro. Nessa Vila, lecionou com acerto o professor Antônio Pereira de Aguiar que, se o mesmo não se encontrar exonerado, poderia vir para este Curato ministrar aulas de primeiras letras.”

Em janeiro de 1856, continua a luta de Padre Justino em favor da criação de uma escola por meio de correspondência enviada ao Inspetor Público da Província, senhor Jahu Elias Pacheco Jordão.

Em fevereiro de 1856, é feita uma alusão no **Livro do Tombo** sobre o mapa de movimento da população da Freguesia do Carmo de Jaboticabal, referente ao ano de 1855, como:

“... incompleto em virtude da vasta extensão territorial desta Capela, sendo os dados vagos, como também exíguo o número de batizados.”

Há, também, informações sobre o número de nascimentos, óbitos e de um casamento:

- Nascimentos: 25 homens livres e 59 mulheres livres;
- Óbitos: 23 homens livres e 20 mulheres livres;
- Nascimentos: 2 homens escravos e 8 mulheres escravas;
- Óbitos: 4 homens escravos e 7 mulheres escravas;

- *Casamento entre escravos: 1.*

Em julho de 1856, há registro sobre o reinício do movimento para a instalação da primeira escola pública e nova referência ao Mapa de movimento da população como:

“...incompleto em virtude da vasta extensão territorial da Capela, sendo os dados vagos e muitas vezes não chegando às mãos dos interessados por interferência de bandoleiros e criminosos espalhados pelo sertão, sendo o Curato habitado por índios, poucos brancos e negros, e foragidos da lei.”

Na metade do século XIX até a Proclamação da República, quando reinava no Brasil desde 1840 o imperador Dom Pedro II, vigorava um acordo entre a Santa Sé e o Governo Imperial brasileiro onde constava que a Igreja Católica professava a religião oficial do País, o que trazia um relacionamento de direitos e deveres entre ambas as partes.

O Imperador poderia influenciar na criação de freguesias, dioceses, nomeação de padres e bispos os quais eram funcionários do Estado, de onde recebiam mensalmente uma remuneração denominada cônica.

O primeiro degrau que um curato aspirava subir era o de se tornar freguesia, uma entidade religiosa e administrativa, isto é, um distrito de Paróquia. Para tanto seria necessário que tivesse um templo e uma casa paroquial bem estruturados.

As autoridades e os fiéis do Curato de Jaboticabal reconheciam que a primitiva capelinha de taipa de pilão e madeira, coberta com folhas de palmeira havia se tornado acanhada para acolher as celebrações religiosas, pois a população aumentava, a povoação expandia-se e crescia o número de propriedades rurais na região.

Tornava-se, então, necessário ter o Curato uma igreja em condições dignas para abrigar os fiéis que se dirigiam às funções litúrgicas. Tendo em vista esse empreendimento, sob a orientação de Padre Justino, foi iniciada a edificação de um novo templo que consistia de uma construção retangular, com telhado de duas águas, frontada por uma porta encimada por três janelas em estilo românico: nas laterais, dez

janelas envidraçadas, sendo cinco de cada lado. Acoplada ao templo, uma torre de madeira para servir de campanário, abrigando em sua parte mais elevada três sinos de bronze, tendo sido o maior uma dádiva da família real.

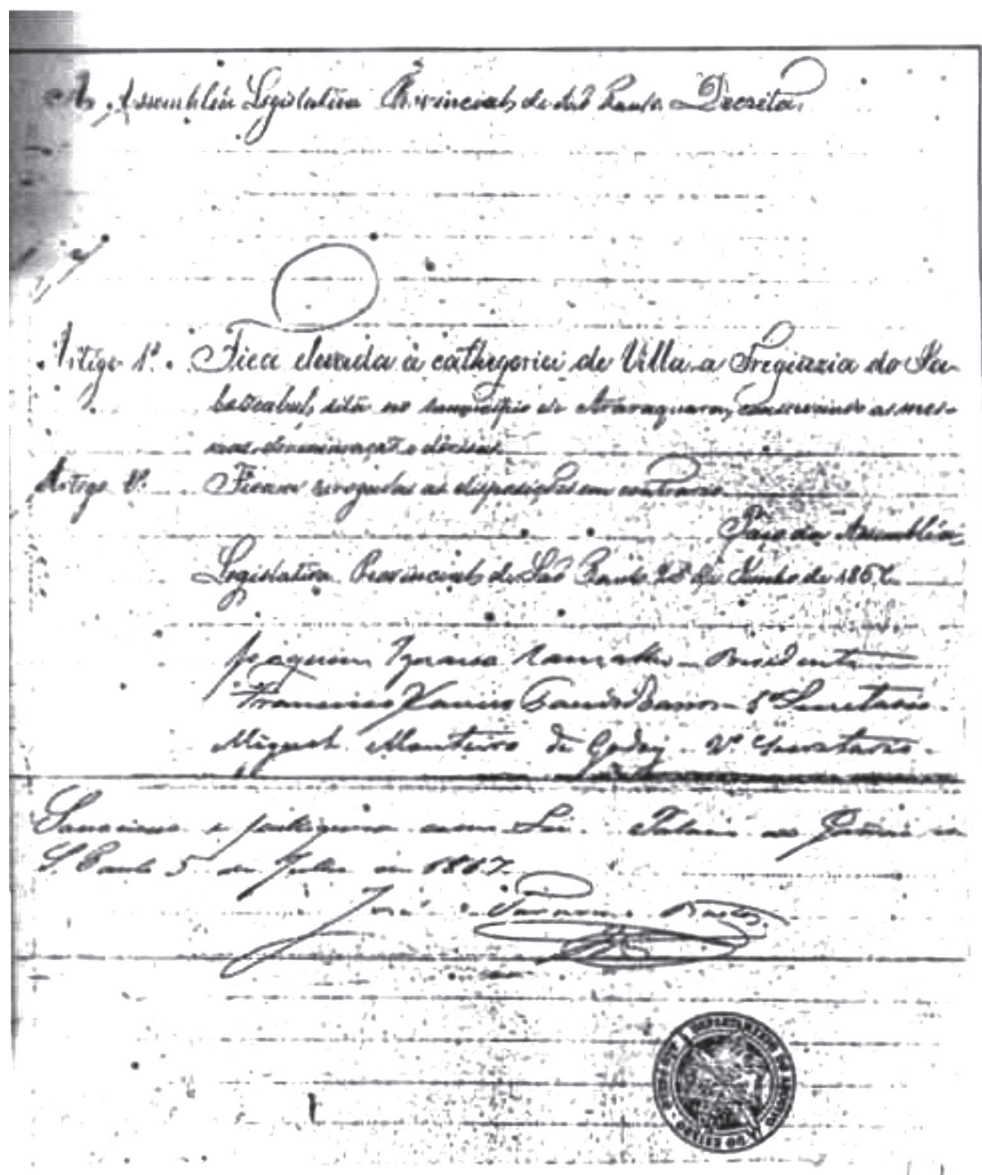


Igreja Matriz
de Nossa Senhora do Carmo,
construída em meados do
século XIX

(Fotos tiradas em 1889)

(Documentário Histórico da Paróquia N. S. do Carmo)

O término das obras de construção aconteceu no início de 1857 e, em 30 de abril daquele mesmo ano, a Assembleia Provincial de São Paulo, votando a Lei de número 53, elevou à categoria de Freguesia (Distrito de Paróquia) o Curato de Nossa Senhora do Jaboticabal, com uma jurisdição que abrangia 60 léguas de comprimento por 26 de largura.



Cópia da lei que eleva à categoria de Vila a Freguesia de Jaboticabal - 5 de julho de 1867

(Documentário Histórico da Diocese de Jaboticabal)

Levando-se em consideração que no Império do Brasil uma légua de sesmária correspondia a 6,6 quilômetros, chega-se à conclusão de que o território paroquial possuía uma vastíssima extensão, totalmente desmembrada da Freguesia de São Bento de Araraquara.

Confirmando e destacando, devido sua importância, acontecimentos registrados no Livro do Tombo, nesse alvorecer histórico de Jaboticabal: em 30 de abril de 1857, o Curato é elevado à categoria de Freguesia (Distrito de Paróquia) e, em 9 de junho de 1857, João Pinto Ferreira confirma seu testamento de 2 de junho de 1853, manuscrito pelo Padre Justino, fato esse acontecido em sua fazenda Cachoeira, na presença do escrivão de juízo da Vila de São Bento de Araraquara, Antônio Gomes Ramalho.

Na manhã de 7 de outubro de 1857, confortado espiritualmente pelo Padre Justino Ferreira da Rocha, faleceu numa residência de sua propriedade, situada ao lado do Largo da Matriz, João Pinto Ferreira, o fundador de Jaboticabal, vítima de uma lesão cardíaca que o acompanhara em seus derradeiros anos de vida.

Foi sepultado no dia seguinte, no cemitério da Matriz, de acordo com dados catalogados no Livro de Registro de Óbitos (1853/1889):

“Em 8 de outubro de 1857, sepultou-se no Cemitério desta Capela, João Pinto Ferreira, casado com dona Maria Perpétua de Magalhães. Assinado: Antônio Pereira de Souza.”

Finalmente, em setembro de 1858, encontram-se referências sobre a instalação da tão sonhada Escola Pública de Jaboticabal. Eis alguns fragmentos sobre o texto registrado:

“...possuindo apenas uma mesa e dois bancos. Em virtude da falta de uma casa própria para a sua instalação, está sendo utilizado um dos recintos da Igreja Matriz local. Foram abertas as matrículas, onde houve o comparecimento de 28 alunos: 8 saíram e dos 20 restantes apenas 10 são frequentes; sendo professor o senhor Antônio Moreira.”

Dentre os registros corriqueiros do mês de novembro de 1858, há uma informação de que, por estar impossibilitado da execução de

ofícios religiosos em locais afastados, o Padre Justino contava com o apoio do Padre José Thomaz Moreira de Souza o qual, em suas andanças pelo sertão, promovera cerca de 86 batizados.

No dia 30 de agosto de 1859, a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, tendo ainda à frente o Padre Justino, recebeu festivamente Dom Antônio Joaquim de Mello, primeiro Bispo brasileiro que esteve à frente da Diocese de São Paulo de 14 de junho de 1852 a 16 de fevereiro de 1861, na primeira visita pastoral realizada em Jaboticabal.

Padre Justino Ferreira da Rocha permaneceu à frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo até 18 de setembro de 1859, quando foi encomendado para esta Freguesia o Padre Manoel Botelho.

A partir de então, não existem mais informações sobre o paradeiro desta importante personalidade, pouco lembrada sim, mas que tanto se empenhou para o progresso da região no alvorecer da História de Jaboticabal.

FONTES DE PESQUISA:

André, A.P. *Documentário Histórico da Diocese de Jaboticabal*. Multipress Gráfica e Editora, 2004.

André, A.P. *Documentário Histórico da Paróquia Nossa Senhora do Carmo – Sesquicentenário (1857/2007)*. Multipress Gráfica e Editora, 2007.



ALLAN KARDEC

Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu em Lyon, França, no dia 3 de outubro de 1804 e faleceu em Paris, no dia 31 de março de 1869, aos 64 anos. Foi educador, autor e tradutor francês. Sob o pseudônimo de Allan Kardec notabilizou-se como o codificador do espiritismo.



Foi discípulo do reformador educacional Johann Heinrich Pestalozzi e um dos pioneiros na pesquisa científica sobre fenômenos paranormais, mais notoriamente a mediunidade, assuntos cuja investigação costumava ser considerada inadequada.

Nascido numa antiga família de orientação católica com tradição de atuar na magistratura e na advocacia, desde cedo Rivail, manifestou propensão para o estudo das ciências e da filosofia.

Fez os seus estudos na escola de Pestalozzi, em Yverdonles-Bains, na Suíça, tornando-se um dos seus mais distintos discípulos e ativo propagador de seu método, que tão grande influência teve na reforma do ensino na França e na Alemanha. Ele organizou e ministrou cursos gratuitos para os menos favorecidos.

Concluídos os seus estudos, o jovem Rivail retornou ao seu país natal. Na condição de profundo conhecedor da língua alemã, traduzia para esse idioma diferentes obras de educação e de moral, com destaque para as obras de François Fénelon, pelas quais manifestava particular atração.

Era membro de diversas sociedades acadêmicas, entre as quais o Instituto Histórico de Paris e a Academia Real de Arras. Nesta última, em concurso promovido em 1831, foi premiado ao apresentar o tema “Qual sistema de estudos mais se harmoniza com as atuais necessidades”?

Em 1824, retornou a Paris e publicou um plano para aperfeiçoa-

mento do ensino público.

A 6 de fevereiro de 1832 desposou Amélie Gabrielle Boudet.

Após o ano de 1834, passou a lecionar, publicando diversas obras sobre educação, e tornou-se membro da Real Academia de Ciências Naturais.

Como pedagogo, aos 30 anos, Rivail dedicou-se à luta para uma maior democratização do ensino público.

Entre 1835 e 1840, manteve em sua residência, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia Comparada, Astronomia, entre outros. Nesse período, preocupado com a Didática, elaborou um manual de Aritmética, que, por décadas, as escolas francesas adotaram.

Elaborou, também, um quadro sinótico da História da França, visando facilitar a memorização, por parte dos estudantes, das datas dos acontecimentos de maior expressão, bem como as principais descobertas de cada reinado do país.

Como pedagogo, as matérias que lecionou foram Química, Matemática, Astronomia, Física, Fisiologia, Retórica, Anatomia Comparada e Francês.

Em 1854, o Prof. Rivail, pela primeira vez ouviu falar do fenômeno das “mesas girantes”, bastante difundido na época por seu amigo Fortier. Sem dar muita atenção ao relato naquele momento, atribuindo-o somente ao chamado magnetismo animal do qual era estudioso. Também tomou conhecimento da psicografia.

A partir de tais eventos, o Prof. Rivail teria tido contato com um “espírito familiar” que, supostamente, teria passado a orientar a elaboração de seus trabalhos.

O pseudônimo “Allan Kardec” fora escolhido porque esta entidade teria revelado que, em uma vida passada, ambos haviam vivido juntos entre os druidas do povo celta, na região da Gália (atual França).

Convencendo-se de que o movimento e as respostas complexas das “mesas girantes” eram devido à intervenção dos supostos espíritos, Kardec dedicou-se à estruturação de uma proposta de compreensão da

realidade, baseada na necessidade de integração entre os conhecimentos científicos, filosóficos e morais, com o objetivo de... lançar um olhar que não negligenciasse o imperativo da investigação empírica na construção do conhecimento, nem desconsiderasse a dimensão espiritual e interior do homem.

Em abril de 1857, Kardec iniciou a publicação das obras visando codificar o espiritismo. Nesse ano, veio à luz “O Livro dos Espíritos”, seguido da publicação dos quatro livros que compõem o chamado “Pentateuco Espírita”, a saber:

“**O Livro dos Médiuns**”, em 1861.

“**O Evangelho Segundo o Espiritismo**”, em 1864.

“**O Céu e o Inferno**”, em 1865.

“**A Gênese**”, em 1868.

Kardec não se considerava o criador da doutrina, mas seu organizador, tomando por base observações metódicas e os relatos de vários médiuns. Para maior difusão do conhecimento acerca da doutrina e de suas obras, fundou a Revista Espírita e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos.

Já com cerca de oito milhões de seguidores, Allan Kardec faleceu em Paris, no dia 31 de março de 1869, aos 64 anos de idade, em decorrência da ruptura de um aneurisma, quando trabalhava numa obra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

Está sepultado no Cemitério do Père-Lachaise, numa célebre necrópole da capital francesa. Acima de sua tumba, está inserido o seu lema: “**Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei**”.

Na cidade de Jaboticabal/SP, a Avenida Allan Kardec está situada no Bairro Nova Jaboticabal, ficando compreendida entre a Rua Odilon Ortiz e a Rua dos Trabalhadores.

FONTES DE PESQUISAS:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec consulta feita em 18/02/2026.

<https://www.google.com/search?q=biografia+alan+kardec> consulta feita em 18/02/2026.



ODILON ORTIZ

Odilon Nogueira Ortiz nasceu no dia 9 de junho de 1895, em Bonfim Paulista, Distrito de Ribeirão Preto. Era filho de Benedito Ortiz de Camargo Amazonas e de Dona Estephania Nogueira Ortiz e neto dos patriarcas Antônio Joaquim Ortiz e Dona Maria Cândida de Toledo Ortiz.

Na última década do século 19, Antônio Joaquim desfizera-se de uma propriedade que possuía no Vale do Paraíba para, em 1900, adquirir extensa área de terras na Região de Jaboticabal, englobando a gleba onde, futuramente, seria implantado o distrito e, depois, o município de Taiuva, visando estabelecer a **“Fazenda Gironda”**.

Benedito e Estephania, e dos dois filhos do casal, Waldemar e Odilon, acompanharam as atividades desenvolvidas para a formação da fazenda. Depois, os meninos foram estudar no Colégio São Luiz, em Itu, sob o regime de internato, onde concluíram o curso ginasial.

Ao atingirem idade apropriada, os irmãos seguiram caminhos distintos. Waldemar deu continuidade aos estudos, formando-se na Escola de Engenharia do Rio de Janeiro. Odilon, por sua vez, ingressou na Faculdade de Medicina. Pouco tempo depois, abandonou o curso pois a sua vocação estava ligada à terra.

Odilon e Maria de Camargo Correa (carinhosamente chamada de Dona Laly) casaram-se no dia 8 de setembro de 1919. O casal passou a viver no centro urbano de Jaboticabal, na casa construída por Odilon para a família, residência localizada na Avenida Benjamin Constant, esquina com a Rua 24 de maio, onde hoje se instala a Caixa Econômica Federal.

No dia 6 de julho de 1922, com o falecimento de Benedito Ortiz, Odilon, aos 27 (vinte e sete) anos de idade, sucedeu ao pai na administração da fazenda.

O outro filho do casal, depois de formado em Engenharia, estabeleceu-se em Santos, cidade portuária, exportando o café, principal produto da **“Fazenda Gironda”**, para diversos países.

Os irmãos constituíram, então, na cidade de Santos, a empresa de exportação de café **“Nogueira Ortiz & Cia”**, cujos sócios eram: Dona Estephania, Waldemar e Odilon.

O trabalho de produção do café ficou a cargo de Odilon, enquanto a comercialização estava sob a supervisão de Waldemar.

Residindo em Jaboticabal, a atividade social e a política municipal também fizeram parte da vida de Odilon e de sua família.

No dia 8 de outubro de 1922, a elite jaboticabalense fundou o Clube Jaboticabal. Dois anos depois, no dia 2 de novembro de 1924, Odilon foi eleito Vice Presidente da entidade associativa, com mandato no biênio 1924/1925.

Em 1944, o casal Odilon Nogueira Ortiz comemorou 25 anos de vida conjugal e os jornais da cidade divulgaram o acontecimento.



O evento foi comemorado na residência do casal com toda pompa e gala. Dona Laly Ferraz Ortiz recebeu os convidados em clima de euforia, ali comparecendo as mais destacadas figuras da sociedade jaboticabalense para levar o seu abraço aos anfitriões como reconhecimento e profunda simpatia que o povo de nossa cidade lhes devota.

Dona Aida Lunardi executou uma seleção de músicas ao piano, acompanhada, as vezes por Carmem Marcondes. A menina Angélica Barreto declamou alguns poemas alusivos às bodas de prata e Carmem Ruete, atendendo a inúmeros pedidos, cantou o tango “Percal”. Enfim, uma festa inesquecível, quando a elite de nossa cidade fez imperar descontração e amizade.

Na política municipal, Odilon exerceu o cargo de Vereador pela primeira vez, de 1º de janeiro de 1929 a 28 de outubro de 1930.

Não completou o período de mandato para o qual fora eleito, porque a **Revolução de 1930**, comandada por Getúlio Vargas, extinguiu os mandatos dos Vereadores de todas as Câmaras Municipais do Brasil, interrompendo, assim, a sua carreira política.

Jaboticabal, após a Revolução de 1930, passou a ser governada por uma Junta Governativa, empossada no dia 3 de novembro de 1930, administrando a cidade até 1932.

Durante o período de 12 de maio de 1932 a 7 de junho de 1936, responderam pelos destinos de Jaboticabal, quatro Conselhos Consultivos, compostos por pessoas representativas da sociedade.

Quando a normalidade voltou, os Vereadores da Câmara Municipal de Jaboticabal foram eleitos em 7 de junho de 1936 para cumprir seus mandatos. Odilon retornou ao Legislativo Jaboticabalense, substituindo ao Sr. José Ferreira de Mello, que renunciara no dia 15 de março de 1937.

O **Golpe do Estado Novo**, perpetrado por Getúlio Vargas, interrompeu novamente a carreira política de Odilon, que cumpriu seu mandato somente até 10 de novembro de 1937, visto que fazia parte da Câmara Municipal que fora apeada do poder.

Cabe ressaltar, para melhor entendimento, a forma pela qual se deu o citado **Golpe do Estado Novo**.

Getúlio Vargas já se encontrava no poder há mais de sete anos, de 1930 a 1937. A Revolução Constitucionalista, deflagrada em 1932, arquitetada e promovida pelos paulistas (revolução da qual Odilon e Waldemar participaram), muito embora terminasse derrotada pelas

forças federais, conseguiu seu intento, qual seja o de dotar o país de uma nova constituição, a qual entrou em vigência no mesmo ano em que fora aprovada (1934).

Getúlio Vargas, até então, governara o país sob a condição de Presidente da República “em exercício”. Com a aprovação da nova Constituição e sua eleição pela Assembleia que havia aprovado a nova Constituição, passou a exercer o comando do país como Presidente Constitucional do Brasil.

Tudo parecia transcorrer na mais absoluta tranquilidade, uma vez que, de acordo com a nova Constituição de 1934, o Governo de Getúlio Vargas deveria promover eleições gerais, em 1938. Naquela ocasião, os eleitores do Brasil deveriam escolher o novo Presidente, o novo Vice Presidente da República; o Congresso Nacional; cabendo aos eleitores, residentes nas diversas cidades brasileiras eleger Prefeitos e Vereadores. Três candidatos já haviam se declarado postulantes ao cargo de Presidente da República: Plínio Salgado, Armando de Sales Oliveira e José Américo de Almeida.

Externamente, Vargas se portava como um fiel cumpridor dos mandamentos da Carta Constitucional, entretanto, nos bastidores articulava a formação de alianças favoráveis à sua permanência no poder.

Em 1935, ocorreu a chamada “**Intentona Comunista**”, uma tentativa de golpe militar apoiada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Esse fato, aliado ao falso documento chamado “**Plano Cohen**”, contribuiu para que as autoridades governamentais anunciassem a descoberta de um terrível golpe de estado, cujo objetivo era implantar um governo comunista no Brasil.

No dia 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas, apoiado por integralistas, militares e intelectuais, deflagrou o chamado “**Estado Novo**”, suspendendo a vigência da Constituição de 1934 e determinando a ilegalidade de todos os partidos políticos.

A vida política do Brasil passou a ser comandada pelo Ditador Getúlio Vargas, até 1945.

No dia 7 de maio de 1945, terminou, oficialmente, a Segunda

Guerra Mundial.

Conforme relato feito por Clóvis Capalbo no livro **“A história de Jaboticabal, 1828 a 1978”**, o povo saiu às ruas para comemorar o grande acontecimento.

Reproduzimos com pequenas alterações referentes às novas normas ortográficas, entretanto não alterando o conteúdo do relato registrado.

Um palanque oficial foi montado na **“Praça Nove de Julho”**, tendo sido decretado feriado municipal. O povo concentrou-se na praça, para presenciar o ato de hasteamento solene da bandeira nacional disposta junto às demais bandeiras dos países aliados. Teve lugar um majestoso desfile com carros alegóricos e cartazes improvisados com as fotos dos inimigos das Nações Unidas. Os cartazes foram queimados pelos manifestantes. Após o desfile, vários oradores usaram a palavra. No período noturno, o Tiro de Guerra 567 desfilou pelas ruas da cidade, comandado pelo Sargento Francelino de Souza.

No dia seguinte, oficialmente cognominado em todo o mundo de **“Dia da Vitória”**, várias manifestações prosseguiram, com desfiles de grupos de estudantes e de mulheres que destruíram os símbolos dos adeptos do Nazismo e do Fascismo, inclusive com o enterro simbólico dos **“quinta coluna”**¹⁴.

No dia 11 de maio foi realizado o **“Banquete da Vitória”** no recinto onde ocorreu a quermesse em prol do Hospital Santa Isabel, oportunidade em que usaram a palavra os senhores: Roberto Brunini, Antônio Volpe e Dr. Pedro Dória. Para a recepção foram vendidos 200 (duzentos) convites, tudo transcorrendo num clima de grande euforia.

14 Quinta coluna - expressão usada para referir-se a pessoas ou grupos de pessoas que atuam dentro de um país, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva ou atuando em prol da facção rival, devido a motivos religiosos, econômicos, ideológicos ou étnicos. (N.AA.).

As manifestações pela vitória e o final da guerra se estenderam por cinco dias. Um baile a caráter, teve figuras da Grande Guerra, no qual os mais ridicularizados foram: Hitler e Mussolini.

Paralelamente aos festejos, no dia 6 de maio, quando já se planejavam as festividades de caráter cívico popular, foram prestadas comoventes homenagens, em conjunto pelo Prefeito Municipal, Tiro de Guerra 567 e Legião Brasileira de Assistência, aos Pracinhas Jaboticabalenses, soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Associou-se a essas homenagens a Páscoa dos Militares, com missa campal realizada na Praça Dr. Joaquim Batista.

Após a missa, as autoridades plantaram a *Árvore do Expedicionário* (muda de pau brasil), circundada por correntes presas em pilares, tendo ao centro uma placa de bronze, com o nome de nossos bravos combatentes, que se encontravam na FEB: Amador Zardim, Rubens Stéfani, Leoris Dalallana, Raul Neves, Geraldo Camargo, Sargento Álvaro de Mello Rosário, Antônio dos Santos Filho e Ciro Prado. Falaram nesse ato solene o Prefeito Municipal, o Padre Francisco Varani e o Atirador Waldyr Edgard Carnio.

Não teria sentido o nosso país continuar sendo administrado por um ditador quando o mundo lutou pela conquista da liberdade. Assim sendo, em 1946, houve eleições para Presidente, Vice Presidente e membros do Congresso Nacional (Câmara Federal e Senado da República). Foram eleitos: Eurico Gaspar Dutra (Presidente) e Nereu Ramos (Vice Presidente).

O Congresso transformou-se na Quarta Assembleia Nacional Constituinte, promulgando a Constituição de 1946.

Dentre várias outras deliberações, cabe destacar que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi colocado na ilegalidade e, em seguida, foi criado o Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Em Jaboticabal, a extinção dos partidos tradicionais, motivou a constituição de novos partidos que tomaram parte ativa nas eleições

de 1946.

Para se ter ideia dessa participação, transcreve-se a seguir notícia de 5 de novembro de 1945, publicada no livro **“A história de Jaboticabal, 1828 a 1978”**.

O Partido Social Democrático (PSD) mostra para a população que se tem o dever de votar para Presidente da República no Marechal Eurico Gaspar Dutra, pois 23 (vinte e três) obras de impacto foram obtidas por intermédio desse partido. São membros do PSD em nossa cidade: Major João Batista Novaes, Odilon Nogueira Ortiz, Hilário Tavares Pinheiro, Rafael Linardi, Dr. Antônio Arrôbas Martins, Egídio Tucci e Cavaleiro Carlos Tonanni.

Como se constata, Odilon continuou a participar da vida política municipal.

No dia 23 de maio de 1947, Jaboticabal teve seu último Prefeito designado por nomeação do Governador do Estado. Um Decreto Governamental, nomeou o Sr. Luiz Bernardo da Fonseca, Prefeito de nossa cidade, em substituição ao Capitão João Dias Miranda, que pedira demissão a fim de se desincompatibilizar para concorrer às próximas eleições municipais.

O novo prefeito tomou posse em ato solene realizado no dia 31 de maio, às 10 horas, em cerimônia na qual estiveram presentes os membros do Diretório do Partido Social Progressista (PSP) e outras autoridades. O ato de transmissão foi procedido pelo Dr. Ulisses Cabral de Oliveira, Diretor Secretário da Prefeitura.

Encerrou-se, assim, o longo período da Ditadura Vargas. Foram 15 (quinze) anos, de 1930 a 1945, no qual o povo foi privado de seu direito de escolher seus dirigentes.

De acordo com a Lei Orgânica dos Municípios, de 18 de setembro de 1947, o município de Jaboticabal passou a ter 23 (vinte e três) Vereadores compondo a Câmara Municipal.

Nas eleições realizadas em 1947, foram eleitos: Duílio Poli (Prefeito) e Antônio Ferreira (Vice Prefeito) e, entre os 23 (vinte e três) Vereadores, o Coronel Odilon Nogueira Ortiz, para cumprir mandato

até 31 de janeiro de 1952.

A atividade social continuou fazendo parte da vida de Odilon, pois em 30 de novembro de 1956, compôs a chapa que concorreu à eleição do Clube Jaboticabal, tendo como candidato a Presidente Paulo Junqueira Braga, e ele como Vice Presidente.

Meses depois, no dia 7 de março de 1957, no livro **“A história de Jaboticabal, 1828 a 1978”**, encontra-se o registro desse funesto acontecimento, que transcrevemos a seguir.

Faleceu Odilon Nogueira Ortiz, um dos homens mais notáveis de nossa história. Homem de grande projeção social, estando presente em quase todas as grandes iniciativas que tornaram Jaboticabal uma das cidades mais importantes do interior. Nasceu em Ribeirão Preto, faleceu aos 62 anos de idade. Viúvo de Laly Ferraz Ortiz, deixa os seguintes filhos: Maria Odila, Hebe Maria, Maria Bernadete e Sérgio. Seus restos mortais foram velados na residência da família, à Avenida Benjamin Constant, nº 514, sendo incalculável o número de pessoas que lhe foram prestar as últimas homenagens.

Ao ser noticiada a morte do Coronel Odilon Ortiz, várias manifestações de pesar foram registradas pelo jornal “O Combate”, entre elas a da Prefeitura Municipal; a da Provedoria do Hospital e Maternidade “Santa Isabel”; a do “Rotary Club” e uma crônica de G. Cecchetti.

O Prefeito Municipal, Dr. Alberto Bottino, por meio do Decreto Nº 330, de 8 de março de 1957, determinou a observância de Luto Oficial no Município.

Justificou a edição do decreto considerando que Jaboticabal perdera um dos seus mais prestantes cidadãos e que a cidade devia ao extinto a realização de relevantes serviços públicos que muito concorreram para o progresso da “Cidade das Rosas”.

O Dr. Alberto destacou, ainda, a atuação produtiva do ilustre morto no Legislativo Municipal, sempre pugnando pelos interesses do município.

Em homenagem à memória do Coronel Odilon Ortiz, o Município de Jaboticabal guardou luto oficial por três dias a partir da data de edição do decreto. O Prefeito determinou, ainda, o encerramento do expediente do Poder Executivo às 15:00 horas, do dia 8 de março de 1957.

A Provedoria do Hospital e Maternidade “Santa Isabel”, em reunião realizada no dia 10 de março de 1957, por proposta de seu Provedor, Sr. Armando Lerro, prestou homenagem à memória do Sr. Odilon Ortiz, ressaltando os inestimáveis serviços por ele prestados à Instituição no decorrer de muitos e muitos anos.

O Rotary Club de Jaboticabal, através de seu Presidente, Prof. Barthimeu Vaz de Almeida, rendeu sinceras homenagens à memória do Sr. Odilon Nogueira Ortiz. O rotariano Dr. Pedro Dória enalteceu a figura do falecido, pondo em destaque as inúmeras benemerências por ele praticadas no decorrer de sua vida operosa e dedicada ao bem.

O consagrado escritor, G. Cecchetti, publicou uma crônica intitulada: **“Ele continuará a estar presente, sempre no mesmo lugar”**, enfatizando a sua crença de que, em espírito, o seu amigo Odilon Ortiz estaria presente todos os domingos na missa das 9:00 horas da Catedral, sempre no mesmo lugar!

FONTES DE PESQUISA CONSULTADAS:

ANDRADE, Dorival Martins de; CAMPOS, Ayres de & FREITAS, Salvador Obiol. **Jaboticabal Sesquicentenário: 1828 -1978**. São Paulo: Edições Populares, 1978.

CAPALBO, Clóvis Roberto. **A história de Jaboticabal, 1828 a 1978**. Jaboticabal: Gráfica Santa Terezinha, 1993.

COLEÇÃO do jornal **“O Combate”**, Jaboticabal.

COMUNICAÇÃO pessoal do Prof. Antônio Pascoal André, 2026.

SCHLEDER, Claudio. **Família Ortiz: quatro séculos de história**. São Paulo: Inbook Editora, 2024.



LÚCIA MARIA

A Rua Madre Lúcia Maria está localizada no Bairro Sorocabano, entre a Avenida Tiradentes e a Avenida Marechal Deodoro.

No ano de 1913, iniciou-se em Jaboticabal uma campanha no sentido de se instalar uma casa de ensino onde meninas e moças de toda a região pudessem receber uma educação adequada.

Para tanto, foi formada uma comissão para que esse projeto se tornasse realidade, tendo à frente Dr. Joaquim Antônio de Oliveira Neves, Dr. Liberato da Costa Fontes e Dr. Alcebíades Fontes Leite, três personalidades que deixaram seus nomes marcados na História de nossa cidade.

Vários documentos foram endereçados a Dom José Marcondes Homem de Mello, Arcebispo da Diocese de São Carlos, à qual Jaboticabal pertencia na época, no sentido de que esse sonho de proporcionar uma formação esmerada à infância e à juventude feminina local e regional fosse realizado.

Após aprovação, Dom José Marcondes incumbiu o Padre Antônio de Meneses, cooperador episcopal, para se dirigir à Europa e entrar em contato com uma congregação religiosa que se dispusesse a assumir tão importante responsabilidade.

Ao chegar à Bélgica, Padre Antônio dirigiu-se à Congregação de Santo André, com sede na cidade de Tournai, região da Valônia, onde foi bem recebido e logrou êxito em sua empreitada, pois o objetivo de sua missão tinha sido plenamente alcançado.

Em assim sendo, no mês de dezembro de 1913, o Padre João Carrelli, pároco da igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo entre 1910 e 1915, confirmava por meio de nota oficial a vinda de religiosas da Congregação de Santo André para ficarem à frente de um Colégio com regime de internato e externato a fim de atenderem meninas e moças



em suas dependências.

Em seguida, no dia 14 de fevereiro de 1914, desembarcaram na Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro um grupo de religiosas, tendo como superiora a Madre Lúcia Maria Doyle, recebidas que foram com muito júbilo por autoridades e por representantes de vários segmentos da sociedade jaboticabalense.

As religiosas andrelinas foram instaladas provisoriamente em local situado na Rua Barão do Rio Branco, proximidades do Grupo Escolar “Coronel Vaz”, até o ano de 1923, quando se transferiram para a imponente construção localizada na então Rua do Sacramento, atual Floriano Peixoto.

Madre Lúcia Maria Doyle, com todo o mérito, patrona de tão importante via pública de Jaboticabal, nasceu na Irlanda em 4 de janeiro de 1857. Na juventude, dirigiu-se à Bélgica no intuito de realizar sua vocação religiosa.

Em 1914, recebeu a missão de vir ao Brasil e estabelecer em Jaboticabal uma escola formativa feminina, cujo reconhecimento oficial ocorreu em 1927.

Fato interessante aconteceu em 3 de março de 1918, quando Madre Lúcia publicou na imprensa local votos de gratidão pelos sentimentos de pêsames que lhe foram endereçados por causa do falecimento de seu irmão James Garret Doyle, nos quais ela faz um esclarecimento de não haver qualquer parentesco de sua família com o médico escocês Arthur Conan Doyle (1859/1930), escritor mundialmente famoso por suas criações literárias sobre o detetive Sherlock Holmes (consideradas uma grande inovação no campo da literatura policial e que, com o passar do anos, foram adaptadas para inúmeras mídias: filmes, seriados e histórias em quadrinhos).

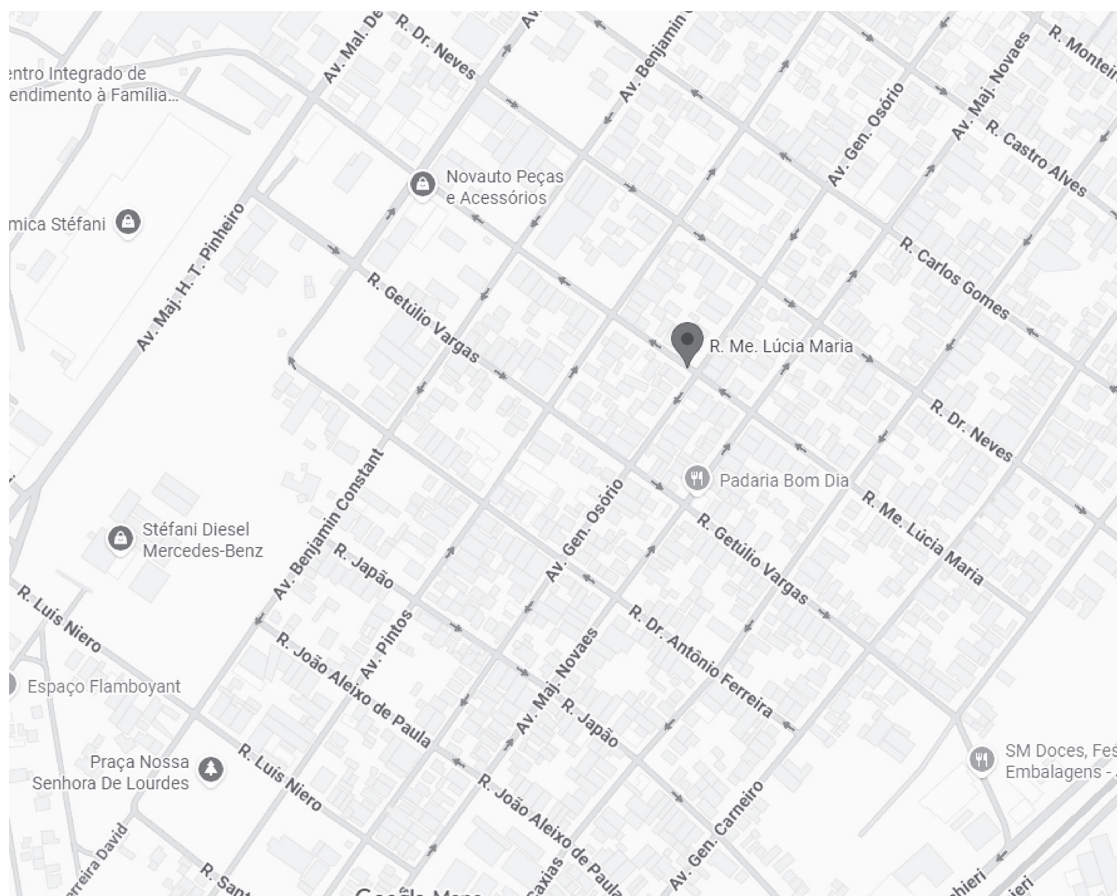
Madre Lúcia desempenhou, no anonimato e com muita competência, sua missão em nossa cidade, pois várias gerações de alunas normalistas que se realizaram como professoras devem a ela a sólida formação humanística recebida nas dependências do Colégio Santo André.

FONTES DE PESQUISA:

ANDRADE, D. M. de; CAMPOS, A. de & FREITAS, S. O. *Jaboticabal Sesquicentenário: 1828-1978*. São Paulo: Edições Populares, 1978.

ANDRÉ A. P. *Documentário Histórico da Diocese de Jaboticabal (1929/2004)*. Multipress Gráfica e Editora, 2004.

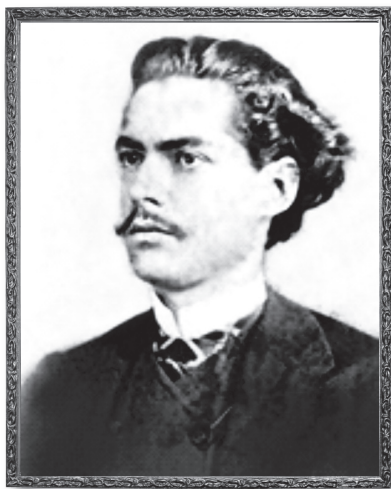
BEDUSCHI L. C. e ANDRADE D. M. *Personagens da História de Jaboticabal*, Fascículo 19. Gráfica Multipress Ltda. Jaboticabal, 2020.



CASTRO ALVES

A Rua Castro Alves é uma das principais artérias urbanas de Jaboticabal, pois funciona como escoamento de tráfego de veículos que procedem das COABs 1 e 3, como também de populosos bairros adjacentes, rumo à região central e Via Marginal Carlos Berchiéri.

Ao longo de seu percurso, encontram-se estabelecimentos comerciais dos mais diferentes gêneros, dentre eles: lojas especializadas em peças automotivas, postos de combustível, revendas de veículos, supermercados, floriculturas, escolas, academias, bares, restaurantes e lanchonetes.



Ao seu lado, no encontro com a Avenida da Saudade, localiza-se o Cemitério Municipal e, na baixada rumo à Estação Rodoviária, no número 500, localiza-se a Igreja de Santo Expedito, um dos templos mais frequentados por fiéis cristãos da cidade e de toda região.

Seu patrono, Antônio Frederico de CASTRO ALVES, veio ao mundo no dia 14 de março de 1847, em Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, no estado da Bahia. Filho do médico Antônio José Alves e de Clélia da Silva Castro, senhora pertencente à família de um importante político baiano.

Castro Alves nasceu durante o Segundo Reinado (1840/1889) sob o comando do Imperador Dom Pedro II. Nesse período, o debate sobre a escravidão estava alcançando avanços importantes, por meio de algumas leis promulgadas com vistas a combater essa prática no Brasil:

- Lei Eusébio de Queirós (1850) que proibia o tráfico de escravos;
- Lei do Ventre Livre (1871) declarando livres os filhos de escravas;
- Lei dos Sexagenários (1885) a qual tornava libertos os escravos com sessenta anos ou mais.

Porém, a abolição da escravatura somente ocorreu em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

Antes da assinatura da Lei Áurea, havia os **Abolicionistas**, um grupo organizado por intelectuais que batalhava pela liberdade dos escravos, do qual Castro Alves, estudante de Direito em Recife, fazia parte.

Castro Alves como poeta e dramaturgo é considerado o principal representante da terceira geração do Romantismo no Brasil. Ficou conhecido por seus poemas abolicionistas que lhe renderam a alcunha de **“Poeta dos Escravos”**.

Além de lírico e intimista, foi um poeta social exaltado, pois seus poemas são caracterizados pelos ideais de liberdade por meio de palavras contundentes que, em sua época, arrebatavam multidões.

Consideradas a última grande expressão nacional do movimento literário conhecido por Romantismo, suas produções são marcadas pela audácia, pelos traços formais que produzem exatamente o efeito da eloquência como se o autor estivesse a falar do alto de um pedestal ao público ouvinte.

Tudo isso justifica o epíteto **“Condoreiros”** escolhido para definir seus poemas de cunho social, sugerindo que sua expressão tenha sido caracterizada pelo nível de elevação do voo de um Condor.

Eis alguns fragmentos de seus poemas:

**“Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!”**

Nesses famosos versos publicados em *Espumas Flutuantes* (1870), o poeta incentiva a disseminação do conhecimento como ferramenta de liberdade, educação e transformação social.

Entretanto, a principal e mais famosa criação literária de Castro Alves é *“O Navio Negreiro”* (1868), um ícone da literatura abolicio-

nista brasileira. Integrante do livro “*Os Escravos*”, publicado postumamente, denuncia os horrores da escravidão e o tráfico de africanos. Eis alguns versos do poema:

**“Auriverde pendão de minha Terra
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do Sol encerra
As promessas divinas da esperança.”**

Esse é o célebre início da sexta e última parte do poema *O Navio Negreiro*, em que exalta a bandeira brasileira; no entanto, contrasta sua beleza com a indignação presente ao longo do texto contra a escravidão ainda existente no País, porque em seguida o poeta alça o voo do condor e assim se expressa:

**“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me Vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os Céus...
Ó Mar! Por que não apagas
Co’a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! Noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares tufão!...”**

Suas principais criações literárias são: *Espumas Flutuantes* (1870); *Gonzaga* ou *A Revolução de Minas* (1875); *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876); *Os Escravos*, incluindo os célebres poemas *O Navio Negreiro* e *Vozes d’África* (publicação póstuma em 1883).

Castro Alves faleceu ainda jovem, aos 24 anos, vítima de tuberculose, em Salvador, capital da Bahia, no dia 6 de julho de 1871. É o patrono da Cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

Fonte de Pesquisa: *Antologia Comentada de Literatura Brasileira*. Organizadoras: Magaly T. Gonçalves; Zélia T. de Aquino e Zina C. Bellodi. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2006.



CORA CORALINA

A Estação de Eventos Cora Coralina está localizada na Praça do Café num espaço primitivamente construído e ocupado, entre os anos de 1893 a 1969, pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Anualmente, no mês de julho, por ocasião dos festejos comemorativos pelo aniversário de fundação de Jaboticabal, abriga o tradicional evento conhecido como Festa do Quitute e Exposição de Artesanatos, momento em que recebe milhares de visitantes não somente da cidade, mas de toda a região.



Sua patrona, Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina) nasceu em Villa Boa de Goyaz, no dia 20 de agosto de 1889, ano da Proclamação da República. Filha do paraibano Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador nomeado por D. Pedro II para a Província de Goiás, e da goiana Jacyntha Luiza do Couto Brandão Peixoto.

Pelo lado de sua bisavó, Vicência Pereira de Abreu, era descendente de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, bandeirante que encontrou, no Rio Vermelho, grande lavra de ouro nas proximidades da Casa da Ponte, onde nasceu Aninha.

Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, um monarquista convicto, veio a falecer dois meses após o nascimento da filha caçula. Por essa razão, a família outrora abastada, viu-se empobrecida e, também, por causa da Proclamação da República.

Consta que sua mãe, dona Jacyntha, e suas irmãs pouca atenção davam à criança recém-nascida, e quem se responsabilizou pela criação de Aninha foi Dindinha, uma tia-avó que se agregara à família. Portanto, Aninha teve uma infância marcada pelo abandono de suas irmãs que a ridicularizavam pelo seu aspecto físico franzino e,



constantemente, lhe impunham severos castigos.

Aprendeu as primeiras letras na escola de Mestra Silvina, sua madrinha de crisma, onde cursou somente os dois primeiros anos do ensino primário. Apesar da pouca escolaridade, Aninha começou a compor seus primeiros poemas quando tinha apenas catorze anos, publicados no jornal “O Paiz”, do Rio de Janeiro, do qual sua mãe era assinante.

Em 1910, aos 21 anos, conheceu o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, mineiro de Ubá, nascido em 1871, formado pela Escola de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, recém-empossado como chefe policial na Província de Goiás.

Apesar da diferença de idade, surgiu entre eles um grande amor, ao qual dona Jacyntha logo se opôs, especialmente pelo fato de Dr. Cantídio ter sido casado anteriormente e ser pai de dois filhos. No entanto, contrariando a vontade materna, Aninha assumiu um relacionamento conjugal com Cantídio de quem ficou grávida.

Esse fato, em novembro de 1911, fez com que Cantídio se demitisse do cargo público que exercia e, em companhia de Aninha, ambos deixaram a Província de Goiás, seguindo em lombo de burros até Araguari, antes passando por Itaberaí onde pegaram Guajajarina, menina de dois anos, filha de Cantídio com uma mestiça da tribo

Guajajara.

De Araguari viajaram de trem para São Paulo, desembarcando na Estação da Luz. Depois de uma breve estada na capital paulista e uma rápida visita ao Rio de Janeiro, ficaram sabendo que uma cidade no interior do estado de São Paulo, em franco desenvolvimento, necessitava dos préstimos de advogados. E, dessa forma, rumaram para Jaboticabal onde fixaram residência em uma casa situada no início da Rua São Sebastião (atualmente Mimi Alemanha), nas proximidades da Praça da República (hoje Doutor Joaquim Batista).

A partir de então, Cantídio passou a exercer com proficiência a advocacia ganhando a confiança da população jaboticabalense, e Aninha cuidava da casa, cultivava e vendia flores, sobretudo rosas, experiência que aprendera em sua terra natal.

Entre 1912 e 1927, nasceram os seis filhos do casal: Paraguassu, Enéas, Cantídio, Jacyntha, Maria Isis e Vicência. Foram batizados na Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Enéas e Maria Isis faleceram prematuramente e estão sepultados no Cemitério da Saudade. Paraguassu, Cantídio e Jacyntha estudaram no Grupo Escolar “Coronel Vaz”.

A educação dos filhos e os afazeres domésticos não permitiam que Aninha se dedicasse à literatura, mesmo assim passou a colaborar com artigos para o jornal “O Democrata” do qual Cantídio tornou-se redator.

Com a vinda de sua irmã Helena para residir em sua residência, a qual passou a lhe ajudar na lida diária, Aninha pôde participar da vida comunitária, ingressando na Confraria do Rosário por meio da qual, entre 1921 e 1926, colaborou na construção da nova Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, e também na fundação da Associação Damas de Caridade, de onde nasceu a ideia da criação do Asilo São Vicente de Paulo. Foi uma das incentivadoras da criação do Patronato Agrícola “Cincinato Braga”, em 1922, cujo objetivo era acolher órfãos e jovens carentes, educando-os no trato com a agricultura.

Aninha era também mestra na arte de confeccionar doces

caseiros cristalizados os quais, em momentos especiais, fazia questão de distribuir aos vizinhos e às pessoas mais necessitadas.

Conhecedora dos segredos das plantas, cultivava mudas para oferecer inclusive à Prefeitura Municipal a fim de reflorestar praças e ruas durante o calçamento urbano. Incentivava os escolares para que, no Dia da Árvore, além de declamarem poesias, plantassem uma, despertando-lhes o amor à natureza. Plantar, cuidar e colher foram três verbos que estiveram presentes em sua vida.

Desde adolescente foi uma apaixonada pela literatura e pelas flores, em especial as rosas. O título de “Cidade das Rosas” dado a Jaboticabal surgiu, em 1921, quando a poetisa gaúcha Andradina de Andrade Oliveira visitou nossa cidade. Acolhida que fora por Aninha em sua casa repleta dessas flores, assim se pronunciou: “Jaboticabal é um rosal! Não esquecerei o perfume da cidade. Que encantadora há de ser a alma dessa gente que lida com rosas... Oh! Benditas mãos que plantais rosas!”

Aninha vivia as situações mais singelas do cotidiano sob o prisma das flores e da poesia, expressando seus sentimentos por meio de versos que compunha nas poucas horas vagas de que dispunha.

Dotada de um espírito observador e crítico, formou-se jornalista pela “Escola da Vida”, pois não perdia oportunidade para criticar aquilo que pensava não ser correto. Através de artigos escritos para as colunas dos jornais locais, em especial “O Democrata” e “O Combate”, enfrentava de maneira contundente políticos de expressão da época, o que fazia com que os leitores aguardassem com expectativa suas publicações. Por não ser comum para os costumes vigentes, na década de 1920, uma mulher dona de casa expor-se publicamente, Aninha utilizava em seus escritos o pseudônimo Cora Coralina.

No final da década de 1930, em função de divergências políticas, Dr. Cantídio encontrava dificuldades para exercer sua profissão em nossa cidade. Além disso, via que os filhos chegavam à idade de completar seus estudos, então, decidiu transferir-se para a recém-criada comarca de Salto Grande, nas proximidades de Campinas, e

levar a família para residir na cidade de São Paulo.

Por essa razão, em 1928, contrariando sua própria vontade, aos 39 anos, Aninha deixou Jaboticabal para viver em outras localidades; no entanto, jamais se desligou completamente da terra de seus filhos, pois continuou a enviar correspondências aos amigos e artigos para a imprensa local.

Eventualmente, mesmo residindo distante, por muitos anos, vinha a Jaboticabal, porque sua irmã Helena, então casada com Augusto Mainardi, continuou a morar na casa pertencente à família situada na Avenida General Carneiro, nº 298.

Em 1965, já contando com 76 anos de idade, Aninha por meio do pseudônimo Cora Coralina apresentou-se oficialmente para o mundo literário com a publicação de “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, pelas Oficinas Gráficas da Universidade de Goiás. Tal evento fez com que se tornasse conhecida e admirada por todo o País, em especial após Carlos Drummond de Andrade valorizar seu livro em uma crônica publicada no “Jornal do Brasil”, edição de 27 de dezembro de 1980.

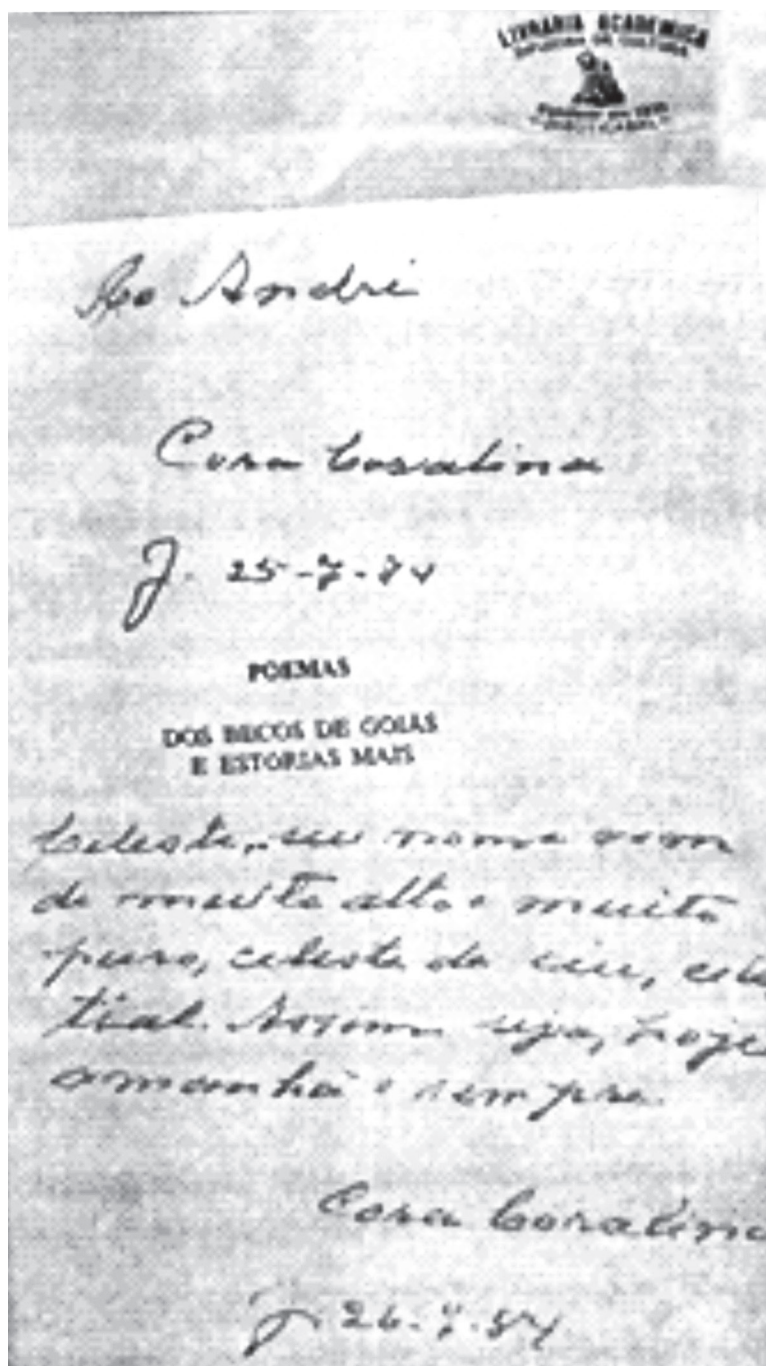
Eis alguns fragmentos do texto: “Se há livros comovedores, este é um deles. (...) Cora Coralina é a pessoa mais importante de Goiás. (...) Cora Coralina, uma admirável brasileira!”

A partir do lançamento do primeiro livro, vieram novas publicações, dentre elas: “Meu Livro de Cordel” (1976); “Vintém de Cobre” (1983); “Estórias da Casa Velha da Ponte” (1985).

No extenso número de condecorações, homenagens e prêmios recebidos por todo o Brasil, foi-lhe outorgado pela Câmara Municipal de Jaboticabal, no ano de 1984, o título de Cidadã Emérita Jaboticabalense, ocasião em que visitou a terra de seus filhos pela última vez.

Dizendo que os momentos mais marcantes de sua vida aqui tinham acontecido, aproveitou para entrar em contato com locais que lhe eram muito familiares, em especial o Asilo e a Matriz de Nossa Senhora do Carmo; conversou com antigos vizinhos e se dirigiu à

Livraria Acadêmica para uma sessão de autógrafos. No dia seguinte, 27 de julho de 1984, deixou Jaboticabal para nunca mais retornar.



Folha de rosto de *Poemas de Goiás e Estórias Mais* onde Cora Coralina oferece o livro ao Prof. Antônio P. André e, de improviso, compõe belos versos dedicados à sua esposa Celeste.

Menos de um ano depois, em 10 de abril de 1985, chegava a notícia que muito entristeceu a todos: a poetisa que tinha passado boa parte de sua vida em Jaboticabal, aos noventa e cinco anos, havia falecido em Goiânia, capital do estado que a vira nascer, e sepultada na antiga Vila Boa de Goiás.

No ano de 1989, a residência em que nascera, conhecida como “Casa Velha da Ponte”, edificada às margens do Rio Vermelho, no século XVIII, foi transformada em museu, justa homenagem a seus exemplos de humildade, história de vida e produção literária.

Em 1999, por meio de pesquisas realizadas pelos meios de comunicação do Centro-Oeste, Cora Coralina foi apontada como uma das dez mulheres mais notáveis, e seu livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, uma das vinte criações literárias mais importantes do Brasil no século XX.

Para melhor compreender a época em que Cantídio e Aninha decidiram fixar residência em Jaboticabal, faz-se mister apresentar um breve histórico, visto que, na última década do século XIX e início do século XX, ocorrera na cidade um grande crescimento populacional, por causa da implantação da cultura do café a qual atraía para a região inúmeros imigrantes, em sua maioria italianos.

Outro motivo foi a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro da Companhia Paulista, em 1893, o que acarretou um gigantesco impulso no desenvolvimento urbano, incrementando o número de estabelecimentos comerciais, industriais e de profissionais liberais, como médicos, dentistas, engenheiros e advogados que aqui passaram a residir com suas famílias.

Foi dentro desse contexto que desembarcaram em Jaboticabal, no mês de fevereiro de 1912, Cora e seu companheiro os quais encontraram uma cidade que experimentava grande surto de progresso, também em virtude da transformação política que ocorrera, época em que o Major João Batista Novaes de Aguiar havia assumido o comando de chefe político local, com consequente ascensão de Bento Vieira de Albuquerque à Prefeitura Municipal.

A partir de então, inúmeras benfeitorias foram implantadas na infraestrutura e na estrutura municipais com grande ênfase nos setores culturais e educacionais, a saber: calçamento das ruas com paralelepípedos, iluminação pública; ajardinamento do Largo da Matriz; Cine Rio Branco, Cine Teatro Municipal, Cine Teatro Politheama; Colégio “Santo André”, Gymnásio “São Luiz”, Patronato Agrícola, Escola de Agronomia, Escola de Mecânica, Escola Normal Livre, Escola Superior de Caligrafia e Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Na área da saúde, assistência social e cívica, foram instalados o Asilo de Dementes (Hospício), Leprosário, Internato para Menores, Tiro de Guerra e Grupo de Escoteiros.

Para se ter uma ideia melhor da importância de Jaboticabal nessa época, em 16 de julho de 1926, o arcebispo de São Carlos, Dom José Marcondes Homem de Mello, procedeu a bênção da nova igreja matriz a qual, no ano de 1929, foi elevada a Catedral quando Jaboticabal foi escolhida entre as dez principais cidades do interior do estado de São Paulo para sediar uma Diocese.

Do início de 1912 até o fim da década de 1920, tempo em que viveu e constituiu sua família em Jaboticabal, em suas poucas horas de lazer, Cora escreveu textos e colaborou com artigos de cunho político para o jornal “O Democrata”, do qual Dr. Cantídio tinha sido redator, onde defendia especialmente os menos favorecidos pela sorte e atacava os desmandos da administração municipal.

Famosas foram suas réplicas e tréplicas com o deputado Zoroastro Gouveia, que adotara o pseudônimo de Cascavel Cascavelino, nas quais Cora Coralina demonstra seu notável saber por meio de argumentos inteligentes e bem colocados que deixavam seu interlocutor embaraçado.

Como apaixonada por crianças, pelas flores e pela natureza em geral, para ela tudo era poesia, nada do cotidiano escapava de sua sensibilidade poética. Os momentos mais simples da vida de Aninha são expressos em seus versos. Sem os acontecimentos de sua atribulada

existência, não haveria a poesia de Cora e, sem o surgimento de Cora Coralina, Aninha não teria legado à posteridade seus belos poemas.

Mulher de extrema coragem que para consumir seu amor e conviver ao lado de Cantídio, Aninha veio para Jaboticabal deixando para trás seus familiares e amigos na sua querida Cidade de Goiás, em sendo que aqui deu à luz seus seis filhos, tornou-se jornalista, cultivadora de rosas e quituteira.

Iguais a seus deliciosos quitutes, os versos de Cora são impregnados de intensa doçura... Eis alguns especialmente dedicados à nossa cidade:

Jaboticabal

*O Criador vendo que a terra era boa
Plantou um jardim de jabuticabeiras
Nas terras roxas de São Paulo da banda Oeste
E mandou que viessem o homem e a mulher
Tomassem conta da terra e gerassem filhos.*

(*Meu Livro de Cordel*, página 36)

O poema é escrito sob a inspiração bíblica do livro do Gênesis, quando Deus cria o Jardim do Paraíso e nele coloca o homem e a mulher. Para a autora, o Paraíso é Jaboticabal; o homem é Cantídio e a mulher é Aninha. (N.AA.)

Jaboticabal

*Cafezal.
Canavial.
Algodão.
Laranjal.
Rosal. Roseiral.
Cidade das Rosas,
Terra de meus filhos,
Onde fiz meu duro
Aprendizado de vida*

*E relembro sempre
Amigos e vizinhos Incomparáveis.
Para eles esta página
De humilde gratidão.*

Em 2009, por ocasião do 120º aniversário de nascimento de Cora Coralina, houve em Jaboticabal uma série de eventos para se comemorar a efeméride, dentre eles: Festa do Quitute com o tema “Era assim em Jaboticabal de Cora Coralina”, realizado na Estação de Eventos Cora Coralina (recinto que desde 2002 leva o seu nome); um concurso literário que envolveu todas as escolas do Município; lançamento de selo comemorativo e muitas outras atividades.

Três frases famosas de Cora Coralina

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.”

“O que vale na vida não é o ponto de partida e, sim, a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

“Estamos todos matriculados na Escola da Vida, onde o Mestre é o Tempo.”

FONTES de PESQUISA:

ANDRÉ, A. P. *Nos Tempos de Aninha*. In: jornal “O Combate”. Jaboticabal, 25 dez. 2012, p. 08.

CORA CORALINA. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Goiânia: Oficinas Gráficas da Universidade de Goiás, 1978.

CORA CORALINA. *Vintém de Cobre*. São Paulo: Global Editora, 2013.

FLORIANO PEIXOTO

Ao que parece, em determinado momento da História do Município de Jaboaticabal, as autoridades houveram por bem denominar várias ruas e avenidas com nomes de alguns combatentes da Guerra do Paraguai.

O Marechal Floriano Peixoto, por exemplo, emprestou seu nome à antiga Rua da Boa Vista (designação dada em 1891), depois conhecida como Rua Sacramento e finalmente Rua Floriano Peixoto.



Floriano nasceu no dia 30 de abril de 1839, no Engenho de Riacho Grande, em Ipioca, Distrito da cidade de Maceió, Província de Alagoas. Era filho de Manuel Vieira de Araújo Peixoto e de Dona Ana Joaquina de Albuquerque Peixoto.

Membro de família numerosa, Floriano, ainda recém-nascido, foi entregue ao tio e padrinho, Coronel José Vieira de Araújo Peixoto, que o criou.

Seu padrinho tinha grande influência na política da província e desfrutava de melhores condições financeiras comparadas às de seus pais. Tal situação permitiu-lhe frequentar o internato do Colégio Espírito Santo, em Maceió, até completar os estudos primários.

Em 1855, aos 16 (dezesseis) anos, transferiu-se para a Província do Rio de Janeiro a fim de realizar os estudos secundários no Colégio Pedro de Alcântara.

O seu ingresso na carreira militar deu-se dois anos depois, dia 1º de maio de 1857. Como soldado voluntário, passou a pertencer ao Primeiro Batalhão de Artilharia a Pé.

No ano seguinte, aos 19 (dezenove) anos de idade, Floriano matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1861, integrando o Corpo de Artilharia, na condição de Segundo-

Tenente e, quatro anos depois, foi promovido aos postos de Primeiro-Tenente e de Capitão.

Em novembro de 1864, teve início a Guerra do Paraguai da qual Floriano participou com bravura.

Durante a Guerra do Paraguai, foi membro e, posteriormente, Comandante do Primeiro Batalhão de Voluntários da Pátria. Participou de importantes episódios do conflito, tais como: Batalha de Tuiuti; Batalha de Itororó; Batalha de Lomas Valentinas; Redenção de Angostura e Batalha de Cerro Corá.

Em 1870, terminada a guerra, retornou ao Rio de Janeiro para concluir seu Bacharelado em Ciências Físicas e Matemáticas, frequentando as aulas da disciplina de Mineralogia, única que faltava para concluir o curso. Dois anos depois, em 11 de maio, casou-se com Josina Vieira Peixoto, filha de seu pai adotivo. O casamento foi realizado no Engenho de Itamaracá, perto de Murici, Alagoas. Com Josina, Floriano teve oito filhos.

Em 18 de abril de 1874, foi promovido a Coronel e nomeado Comandante do Terceiro Regimento de Artilharia a Cavalos, posto que ocupou até 1878. Durante três anos, comandou o Arsenal de Guerra de Pernambuco. Sua missão era inspecionar as unidades militares da Região Nordeste.

No dia 13 de setembro de 1884, Floriano foi nomeado Comandante das Armas e Presidente da Província de Mato Grosso. Ficou no cargo cerca de um ano e, durante seu governo, apoiou a indústria extrativa da erva mate e adotou uma política de repressão aos índios que ameaçavam Cuiabá.

Participou ativamente do movimento em prol da Proclamação da República, recusando-se a comandar a resistência imperial ao golpe de estado republicano.

Em 1889, foi eleito Primeiro Vice-Presidente da República do Brasil, na chapa encabeçada por Prudente de Moraes. Naquela oportunidade, a eleição para os cargos de Presidente e Vice-Presidente da República foi individualizada. Floriano recebeu maior número de

votos em relação a Prudente de Moraes (Deodoro venceu Prudente de Moraes pela pequena margem de 32 votos).

Em 1890, ascendendo ao posto mais alto do Exército Brasileiro, Floriano tornou-se Ministro da Guerra, assumindo o cargo no mesmo ano.

Elegeu-se Vice-Presidente da República, em fevereiro de 1891. Em novembro do mesmo ano, tornou-se Presidente do Brasil, em razão da renúncia do então Presidente Deodoro da Fonseca. Floriano exerceu a Presidência da República de fevereiro a novembro de 1894.

Seu governo foi marcado por um intenso clima de rebeliões. Enfrentou tenaz oposição, mas também foi festejado por adeptos fervorosos, os chamados florianistas.

Em 1892, foi publicado o “Manifesto dos Treze Generais”, que tinha por finalidade contestar a legitimidade do Governo de Floriano, uma vez que, constitucionalmente, ele deveria convocar novas eleições e assumir a presidência até o término do mandato de Deodoro.

A Segunda Revolta da Armada, resultado de diversos conflitos entre o Exército e a Marinha, e a Revolução Federalista, crise política de ideais federalistas que buscava depor o governador gaúcho Júlio de Castilhos, foram movimentos que o Governo de Floriano teve de enfrentar.

Esses conflitos foram debelados de forma violenta por Floriano que se consolidou no exercício do poder, ganhando as alcunhas de “Marechal de Ferro” e “Consolidador da República”.

O culto à sua personalidade foi o primeiro fenômeno político de expressão com foco em torno da figura de um personagem republicano no Brasil.

Floriano Peixoto entregou o poder no dia 15 de novembro de 1894 a Prudente de Moraes, e morreu em 29 de junho do ano seguinte, aos 56 anos de idade, em sua fazenda em Ribeirão da Divisa, atual Floriano, Distrito de Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro, vítima de cirrose hepática.

A cidade de Maceió, em homenagem à sua memória, erigiu o

“Museu Palácio Floriano Peixoto”.



Fachada do “Museu Palácio Floriano Peixoto”



Vista do interior de uma das dependências do museu

FONTES DE PESQUISA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Floriano_Peixoto (consulta em 21/05/2026).

https://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_Floriano_Peixoto (consulta em 23/05/2026).



RUA ALDO BELLODI

(LEI Nº 3.628, DE 19 DE JUNHO DE 2007, denomina Aldo Bellodi uma rua no Jardim Barcelona em nosso Município).

Aldo Bellodi nasceu em 29 de abril de 1926 em Jaboticabal, SP e faleceu em 2 de agosto de 2001 em São Paulo SP. Era o quinto filho de Aristides Bellodi e Hermínia Casteletti Bellodi, neto do patrono da Escola Estadual “Anselmo Bellodi” de Jaboticabal SP instalada nas dependências da Usina São Carlos.¹⁵



Casado com Diva Biancardi Bellodi tiveram dois filhos, Elizabeth Helena e Aristides Neto.

Fez as primeiras letras na então Escola Rural “Sabino Soares de Camargo” na Fazenda do Coco, depois EE “Sabino Soares de Camargo” que funciona na Usina Santa Adélia. Terminou o curso primário, 4º ano, em 1939, no então Segundo Grupo Escolar de Jaboticabal que, posteriormente, passou a denominar-se Grupo Escolar “Prof. Antonio José Pedroso”, depois EEPG “Prof. Antonio José Pedroso”, atualmente EE “Prof. Antonio José Pedroso”. Na época, o Segundo Grupo Escolar de Jaboticabal, funcionava no prédio onde se iniciaram os trabalhos do Colégio São Luís de Jaboticabal na Rua Floriano Peixoto, atualmente curso superior.

Fez o curso secundário no Colégio “Paes Leme” de São Paulo SP, 1940-1944; o curso colegial no Colégio Anglo-Latino, também em São Paulo SP, 1945-1949.

Formou-se Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” de Piracicaba ESALQ/USP – 1950-1953.

15 Escola Estadual “Anselmo Bellodi” de Jaboticabal SP.

Formado, foi convidado para trabalhar na Escola Agrícola “José Bonifácio”, depois EESG “José Bonifácio”, hoje Escola Estadual “José Bonifácio” de Jaboticabal que funciona junto à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da FCAV-UNESP – Câmpus de Jaboticabal¹⁶ Preferiu, no entanto, participar dos negócios da família que já era grande, e com intensa programação de trabalho, tendo iniciado suas atividades tão logo voltou a Jaboticabal. Sua contribuição foi constante e incansável a partir de 1954.

Nesse ano a Usina Santa Adélia que na ocasião pertencia a Aristides seu pai, Gino, Giacomo e Fermo Bellodi seus tios, adquiriram a Usina São Carlos em 15-11-1954, na qual Aldo Bellodi – como pioneiro do grupo – passou a residir. Tinha nesta altura 28 anos.

Acompanhou todo o desenvolvimento da empresa, que na ocasião era pequena e se encontrava tecnicamente sucateada; colaborou, de maneira decisiva, para a sua transformação em empresa atuante no que toca à elevação do padrão de vida de seus funcionários e dependentes (um de seus grandes objetivos), à ampliação do patrimônio, à melhoria da organização da Usina São Carlos como um todo; até o encerramento de suas atividades sob direção dos Bellodi, foi em diversos setores modelar, e a Aldo Bellodi se deve boa parte dessa transformação.

Com a aquisição da Usina São Carlos pelos Bellodi e sendo Aldo um dos que estavam em condições de encabeçar o trabalho que a família necessitava naquele momento, coube-lhe instalar-se na Usina São Carlos e começar um longo e árduo período de reconstrução de um patrimônio que se encontrava em estado precário de conservação. Contou com o apoio de seu pai e tios, mas desempenhou sua função com muita garra e com muito desejo de vencer. Foi um verdadeiro desafio a transformação que se fazia necessária naquele momento. Em 1955, Alpheu, irmão mais moço que ele, mas igualmente obstinado com a ideia de colocar em pé uma empresa que se encontrava em mau

16 O Colégio Técnico Agrícola, funciona em período integral, mas não possui mais alojamento.

estado, se juntou a Aldo e os dois residiram com a irmã Alda, que se mudara para a Usina colaborando com seu marido Moacyr, na construção da empresa; assim permaneceram até o casamento de Aldo.

Pode-se dizer que Aldo (Dico para seus irmãos) foi um homem que aprendeu, desde cedo, a superar-se. Acometido de Poliomielite, podia contar com apenas um braço, uma das pernas foi afetada, mas ele encontrou uma forma de compensar a diferença que havia nela.

Fez um curso que lhe exigia o exercício das duas mãos para manusear instrumentos; até o uso de uma simples régua oferecia-lhe dificuldades. Aldo não se entregava – descobriu, por exemplo, para utilizar a régua, que, colocando um parafuso de cabeça achatada em seu centro, ele podia segurá-la com o queixo e riscar com a mão direita. Ele não se permitia agir como mutilado – superava-se.

Inicialmente sozinho e, posteriormente, com Alpheu, conforme já dissemos, deu os passos iniciais para a transformação da Usina São Carlos. Conseguiram produzir, com uma instalação precária, açúcar da melhor qualidade e, por esse motivo, por muito tempo era destacada para fornecer a clientes que se sabe serem exigentes.

Aldo passou a contar com os primos (Henrique Anselmo e Edson Paschoal) e o outro irmão (Antonio Alceu) quando já havia passado por uma série de provas muito fortes. Juntos, os cinco, fizeram da Usina São Carlos uma empresa bem organizada, com possibilidade de ampliar-se e exemplar em muitos aspectos.

Aldo era um apaixonado por cavalos; conhecia como poucos as arreatas, rédeas, freios, peitorais, laços, cabrestos; conhecia também os trançadores mais hábeis em todo o Estado, como os de Ibirá, Barretos, Iepê, Macaubal. Gostava de escolher os apetrechos cuidadosamente. Interessava-se tanto pela montaria esportiva, competitiva, como a utilização do animal como tração e transporte nas fazendas.

Foi vítima de um acidente vascular cerebral, em 17 de fevereiro de 1995. Perdeu a capacidade de utilização plena da linguagem, ficou com vários comprometimentos de saúde, mas acompanhou, dia a dia, a vida da empresa da qual era sócio. Sempre acompanhado por fiéis

servidores, como “seu” Aparecido, por exemplo, visitava a Usina, passava algumas horas na sua sala onde podia observar alguns troféus que colecionou no curto período em que foi possível ao grupo manter um haras. O quarto-de-milha era a raça criada, tendo sido premiado, várias vezes, seu reprodutor. O haras Fazenda Fronteira colecionou algumas vitórias que deram a Aldo uma imensa satisfação. Era bastante entendido no quesito cavalos e, na sua juventude, um exímio cavaleiro. Na Fazenda do Coco pôde experimentar sensações desafiantes ao cavalgar – velocidade, obstáculos eram provas pelas quais gostava de passar, apesar de sua limitação física.

Profundo conhecedor de carneiros insistiu sempre em criá-los para consumo do grupo a que sempre pertenceu. Era habilidoso no aproveitamento de espaços, no manejo das ovelhas, na aplicação de medicamentos, na escolha das raças.

Foi um homem cordial, cavalheiro no melhor sentido da palavra, não se esquivava às visitas aos familiares, a funcionários, sobretudo aos mais antigos, e aos amigos. Mesmo com a dificuldade de articular as palavras, procurava, num esforço de superação, fazer-se entender. Era capaz de, com toda dificuldade que a doença lhe proporcionou, ser o chefe da casa, aquele que provê o bom andamento do lar. Conseguia exercer sua autoridade de chefe de família mesmo com dificuldade para explanar sobre seus pensamentos, ideias. Era capaz de determinar serviços, escolher o que comprar, promover melhorias nas propriedades, apesar de apenas articular uma ou outra palavra. Era capaz de impor-se fazendo-se entender por pequenos gestos associados a alguns vocábulos. Assim foram seus últimos seis anos, tendo se submetido a um incômodo regime alimentar na tentativa de prolongar sua vida. Fez o que pôde até não encontrar mais forma de reagir.

Para nós, seus familiares, seus irmãos, fica a lembrança de um homem realizador, justo, honesto, amigo, batalhador. Um homem que foi capaz de enfrentar a vida enquanto pôde e a morte quando ela o chamou.



ALOÍSIO ALMEIDA UM DOS GRANDES HISTORIADORES DE JABOTICABAL.

Aloísio Almeida, filho de Antônio Custódio de Almeida e Regina Zacharias de Almeida, nasceu em Jaboticabal no dia 24 de julho de 1923. Faleceu no dia 11 de abril de 2002, sendo sepultado no dia seguinte, às dez horas.

Aloísio frequentou os bancos escolares do Grupo Escolar “Coronel Vaz”, continuando seus estudos na Escola Prática de Agricultura “José Bonifácio”, atual Colégio Técnico Agrícola “José Bonifácio”, diplomando-se, com louvor, em 1943.



Já formado mudou-se para a capital do Estado, ingressando como funcionário da Escola Agrícola da Água Funda, onde permaneceu alguns anos.

Retornou à cidade de Jaboticabal na condição de funcionário da escola na qual havia se formado, permanecendo longos anos nesse estabelecimento de ensino. Posteriormente transferiu-se para o Colégio Agrícola da cidade de Jaú e mais tarde retornou a São Paulo, aposentando-se.

Após a aposentadoria voltou a fixar residência em Jaboticabal, desenvolvendo intensa atividade voltada para a preservação da memória a “Cidade das Rosas”.

Aloísio faleceu quando estava prestes a completar 80 (oitenta) anos de idade. Amigos e parentes compareceram ao seu sepultamento, enaltecendo as qualidades do homem que dedicou a sua vida à pesquisa da História de Jaboticabal, compilando fatos e fotos em jornais antigos, cartórios e bibliotecas, acompanhando dia após dia os acontecimentos de sua terra natal, destacando-os e anotando os nomes das

famílias que participaram dessa caminhada evolutiva.

Manifestaram-se por ocasião do seu funeral os amigos: Dr. Luiz Carlos Beduschi, Dr. Mário Fernando Berlingieri e Aníbal Lopes. O Dr. Beduschi afirmou: *“Poucos amaram a sua cidade natal, com a intensidade que Aloísio devotou à sua querida “Cidade das Rosas”. Com ele se vai um pouco da História desta cidade. Aloísio era uma pessoa pura de sentimentos. Aqueles que, como eu, tiveram a oportunidade de privar de sua amizade, cultivada por nós há mais de trinta e cinco anos, sabem exatamente do que estou falando. Pedimos ao Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, que receba a sua alma e que lhe dê o lugar que merece”*.

O Dr. Mário Fernando Berlingieri, enfatizou: *“tivemos a oportunidade de conhecer e de aprender muito com o Aloísio. Somos amantes da História da nossa cidade, porque acreditamos que um povo que não presta a atenção em sua própria História, tropeça no seu próprio futuro e nós aprendemos isso com o Aloísio, na sua convivência, na sua maneira de ser e na sua personalidade toda especial. Às vezes, costumamos dizer que só depois que alguém parte é que ressaltamos as suas qualidades, mas no caso do Aloísio, não é um ressaltar de algumas qualidades, não é o pinçar desta ou daquela virtude, pois ele era dotado de inúmeras qualidades, ele era todo especial. Gostaríamos que todas as pessoas, neste momento de reflexão, pudessem olhar um pouco a vida do Aloísio, a maneira como ele conduziu a sua existência e o rastro florido de sua caminhada. Não só deixou marcas na História da nossa cidade, como também em cada um de nós. Aloísio era um grande garimpeiro e conseguiu garimpar verdadeiras preciosidades da nossa História. Felizmente, tudo se acha devidamente registrado. Somos coparticipantes da ideia de que ninguém morre e de que a vida não pode e não deve se encerrar na lápide fria de um túmulo, pelo contrário, aqui está se encerrando um ciclo e, certamente, outro se inicia com o resplandecer de nova consciência. Num momento como este, nunca nos despedimos como se fosse para sempre, pois acreditamos que o reencontro é cer-*

to. Até logo, querido irmão, esteja em paz”!

O amigo de infância, Aníbal Lopes, lembrando-se dos bons momentos vividos com o grande companheiro, afirmou **“somos adeptos do Cristianismo e do Evangelho que Jesus nos legou, cheio de amor e de esperança onde os fatos nos provam que a vida continua e que nós não morremos. Estamos presentes na vida para promovermos a nossa evolução espiritual, através do desenvolvimento do trabalho e da inteligência a fim de poder galgar novos mundos. O Aloísio cumpriu a sua missão e eu tive a oportunidade de estar junto dele desde o Curso Primário até o Tiro de Guerra. Ele, neste momento, nos ouve e nos vê e já foi recebido por seus familiares que o precederam na volta à Pátria Espiritual. É um grande companheiro que parte, deixando em todos nós a marca da saudade. Vamos fazer uma prece em homenagem ao seu espírito que é imortal”.**

Logo após as homenagens dos amigos, foi executado um toque de clarim, que emocionou a todos os familiares e amigos presentes.

Aloísio teve como missão maior alinhar os acontecimentos e cotejá-los de forma harmônica através dos tempos, e o fez sem quaisquer interesses outros, a não ser o de externar o amor dedicado à terra em que nasceu, garantindo aos pósteros uma fonte cristalina de preciosas informações.

Aloísio Almeida trazia dentro de si uma sensibilidade rara, um espírito nobre, adornado de qualidades que refulgiam nos seus textos e na maneira cativante com que tratava os que privaram de sua devotada amizade. Sincero, ativo, estudioso, persistente, fraterno e motivador, sempre conduziu a sua existência pelos caminhos de uma simplicidade ímpar. Sobre seu túmulo existe uma placa que reflete, com justiça, o seu amor a Jaboticabal e que se transcreve a seguir:

FONTES DE PESQUISA:

BEDUSCHI, Luiz Carlos & BERLINGIERI, Mario Fernando. **Aloísio Almeida, um dos grandes Historiadores de Jaboticabal.** IN:

Memória Fotográfica de Jaboticabal, 1890-1978. Jaboticabal: Gráfica Santa Terezinha, 2002.



SOBRE OS AUTORES

Luiz Carlos Beduschi



Engenheiro Agrônomo formado pela Escola Nacional de Agronomia da Universidade Rural do Brasil, em 1966. Casado com Lucia Helena De Marco Beduschi, é pai de Luiz Carlos, Daniel Luiz e Ana Claudia. Avô de Lorraine, Nicole, Thalita, Gabriel, Felipe e Alice.

Em março de 1967, passou a integrar o corpo docente da recém-criada Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal, tornando-se o primeiro professor com formação agrônômica a ser contratado pela Instituição. A partir de então, galgou todos os degraus da carreira universitária (Doutor em Ciências, Professor Livre-Docente, Professor Adjunto e Professor Titular). Aposentou-se, em 1997, no cargo de Professor Titular da atual Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - UNESP, Câmpus de Jaboticabal.

Na Universidade, além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, desempenhou várias funções administrativas, entre elas as de: Vice-Diretor da Faculdade; Assessor Técnico do Pró-Reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários; e Chefe do Departamento de Engenharia Rural. Possui vários trabalhos científicos, técnicos e de divulgação publicados e faz parte da equipe de redação do centenário jornal “O Combate” de Jaboticabal.

É autor dos seguintes livros: *Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal — um pouco de sua história* (1986); *Homens de Fé e Perseverança* (1989); *Cem anos de tradição* (2000); *UNESP Jaboticabal: A construção de uma história — 1961-1976* (2006); *História da Santa Casa de Misericórdia de Taquaritinga* (2008); *Símbolos de Jaboticabal* (2011), em parceria com Dorival Martins de Andrade; *Lembranças da Universidade Rural do Brasil* (2013); *História da Família*

***Beduschi Descendentes de Thereza e Vittorio Beduschi* (2013); *Memória Fotográfica das Reuniões da Turma ENA-66* (2016); *Um olhar sobre o passado da UNESP – Jaboticabal* (2016); *Jocelyn de Godoy – um homem à frente de seu tempo* (2017); *Contribuição para a História da Família Brossi – descendentes de Luiza e Cesário Brossi* (2020).**

De 2014 até 2020, em parceria com Dorival Martins de Andrade e colaboração de vários autores, publicou 19 (dezenove) fascículos de ***Personagens da História de Jaboticabal***, nos quais se encontram 62 (sessenta e duas) biografias de pessoas que se destacaram na sociedade jaboticabalense.

Patrono da ***VII Semana do Livro e da Biblioteca***, promovida pela Diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Jaboticabal, evento realizado em outubro de 2017.

Homenageado pela Associação Comercial, Industrial e Agronegócios de Jaboticabal, no dia 30 de outubro de 2019, ***“em reconhecimento ao brilhante trabalho e admirável dedicação à História do Município”***.

Em 2021, publicou o livro ***“Mario Fernando Berlingieri — um conquistador de mentes e corações”***.

Ainda em 2021, em parceria com Antônio Pascoal André e Zina C. Bellodi, publicou o livro: ***“Contribuição para a História da Imigração Italiana em Jaboticabal”***.

Em 2022, em parceria com Antônio Pascoal André, Zina C. Bellodi e Arnaldo Geraldês Morelli, publicou o livro: ***“Arnaldo Morelli”***.

Na condição de editor, em parceria com Antônio Pascoal André e Zina C. Bellodi, foram publicados os livros: a) ***“Crônicas de outrora”* (2022)**, autoria de Alberto Bottino; b) ***“Contos de Jaboticabal”* (2025)**, autoria de Manoel Amorim Brenha, em comemoração do centenário da publicação (1925-2025).

Em 2023, em parceria com Antônio Pascoal André e Zina C. Bellodi, publicou o livro: ***“Dona Clelia: Memórias - Fatos – Histórias”***.

Em 2025, integrou a equipe responsável pela elaboração do livro: ***“Loja Maçônica Estrella D’Oeste, no ensejo de comemoração de seu aniversário de 140 anos de fundação – 1885 a 2025”***.

Ainda em 2025, colaborou com Zina C. Bellodi na edição do livro: ***“Guerriero Cecchetti – crônicas”***.

Em 2026, em parceria com Antônio Pascoal André e Zina C. Bellodi, publicou o livro: ***“Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal – Volume 01”***.

É membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes, Ciências e Letras; Fundador e Membro da Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e Região; Fundador e Membro da Academia Maçônica de Letras de Ribeirão Preto; e Membro da União Brasileira de Escritores.

Antônio Pascoal André



Antônio Pascoal André nasceu em Jaboticabal, no dia 27 de dezembro de 1945. Casado com a Prof.^a Celeste Pellizzon André com quem tem quatro filhos (Martim, Marcela, Marshal e Marco) e quatro netos (Maria Eduarda, Giovanni, Lucas e Helena).

É professor especialista em Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, tendo se dedicado à preservação dos bens culturais e históricos de nossa cidade.

Lecionou em Jaboticabal e região durante 50 anos em colégios, cursos pré-vestibulares, faculdades e no Seminário Diocesano.

Colaborador do jornal O Ascensor, participa também da equipe de redatores do jornal O Combate. Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Jaboticabal e sócio fundador da Associação Jaboticabalense de Cultura (AJC).

Dentre suas várias produções literárias em livros, revistas e jornais, destacam-se: *Jaboticabal Antes de sua Colonização* (1993); *Influências das Línguas Nativas no Idioma Português falado no Brasil* (2000); *Comunicação, Eloquência e Retórica* (2002); *Documentário Histórico da Diocese de Jaboticabal* (2004); *Documentário Histórico da Paróquia N. S. do Carmo* (2007); *Grupo Escolar “Coronel Vaz” – Lembranças, Memórias e Fatos* (coautor, 2013); *N. S. Aparecida em Jaboticabal – Sonho, Caminhada e Realização* (2017); *Aurélio Arrobas Martins e sua Obra Educacional* (coautor, 2018). Participou do projeto de resgate da memória “Personagens da História de Jaboticabal”, ao lado de Luiz Carlos Beduschi, Dorival Martins de Andrade e Zina C. Bellodi.

Em 2021, em parceria com Luiz Carlos Beduschi e Zina C. Bellodi, publicou o livro ***“Contribuição para a História da Imigração Italiana em Jaboticabal”***.

Em 2022, em parceria com Zina C. Bellodi, Luiz Carlos Beduschi e Arnaldo Geraldês Morelli, publicou o livro ***“Arnaldo Morelli”***.

Em 2023, em parceria com Zina C. Bellodi e Luiz Carlos Beduschi,

publicou o livro ***“Dona Clelia: Memórias - Fatos - Histórias”***.

Na condição de editor, com Luiz C. Beduschi e Zina C. Bellodi, foram publicados os livros: a) ***Crônicas de Outrora***, autoria de Alberto Bottino (2022); b) ***Contos de Jaboticabal***, autoria de Amorim Brenha, em comemoração ao centenário de publicação (2025).

Ainda em 2025, colaborou com Zina C. Bellodi na edição do livro ***“Guerriero Cecchetti - Crônicas”***.

Em 2026, em parceria com Luiz C. Beduschi e Zina C. Bellodi, publicou o livro: ***“Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal – Volume 01”***.

Por sua atuação no setor educacional e como escritor memorialista, foi homenageado com Diploma de Honra ao Mérito pelo Lions Club de Catanduva, Diploma de Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de Jaboticabal, com a Medalha do Centenário da EE. “Aurélio Arrobas Martins”, e com a placa “Valores de Nossa História” pela Associação Comercial, Industrial e Agronegócios de Jaboticabal (ACIAJA). Foi escolhido pela Secretaria de Cultura do Município de Jaboticabal como patrono na VIII Semana do Livro e da Biblioteca “Prof. Antônio Pascoal André” (outubro 2018).

Zina C. Bellodi



Zina C. Bellodi nasceu na Fazenda do Coco no dia 13-8-1941. Formada em Letras Anglo- germânicas, é doutora e titular em Teoria da Literatura pela Unesp, Araraquara, SP. Publicou artigos em periódicos universitários, e, atualmente, dedica-se à pesquisa especialmente na área memorialística familiar. Entre 1972 e 1993 publicou 20 volumes de um boletim denominado *Cadernos de Teoria e Crítica Literária* publicação do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara SP, UNESP.

Em 1975 publicou: *Função e forma do tradicional em Mário de Sá-Carneiro*, Cadernos de Teoria e Crítica Literária da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara SP, UNESP.

Em 1992, *Florbela Espanca - Discurso do outro e imagem de si*, Cadernos de Teoria e Crítica Literária, FCL Araraquara SP, UNESP.

Em 1994 *Florbela Espanca - Discurso do outro e imagem de si* para Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Volume XXXIII, Lisboa-Paris.

Em 1995 *Antologia de antologias – 101 poetas brasileiros “revisitados”*, Ed. Musa, São Paulo SP.

Em 1996 *Antologia de antologias – prosadores brasileiros “revisitados”*, Ed. Musa, São Paulo SP.

Em 1998 *Antologia escolar de literatura brasileira – poesia e prosa* – Ed. Musa, São Paulo SP.

Em 2000 com **Magaly Trindade Gonçalves e Zélia Thomaz de Aquino**, publicou *Estudos de Literatura Infantil - Teoria e Prática*, FUNEP, Jaboticabal SP.

Em 2002 *A figuração de Tiradentes na ficção brasileira*, FUNEP Jaboticabal SP.

Em 2005 *Melhores poemas de Florbela Espanca*, Global, São Paulo, SP.

Em 2005 **Com Magaly Trindade Gonçalves**, *Teoria da Literatura*

“*Revisitada*”, Vozes, Petrópolis RJ

Em 2010 *A casa do Coco*, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2010 *Dona Maria Luiza Carrão*, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2011 *A construção de um sonho - Fazenda Santa Cruz, 1976-1978* Guariba SP, Multipress Jaboticabal SP.

Em 2013 *Antologia comentada - literatura brasileira*, poesia e prosa, Vozes Petrópolis RJ.

Em 2013 **com Dorival Martins de Andrade, Antônio Pascoal André, Lucimari Missae Seto e Zina Assirati Casemiro**, *Grupo Escolar “Coronel Vaz” - lembranças – memórias - fatos*, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2021 **Colaboradora** da publicação *Personagens da História de Jaboticabal*, dirigida por Luiz Carlos Beduschi e Dorival Martins de Andrade.

Em 2021 **com Luiz Carlos Beduschi e Antônio Pascoal André**, *Contribuição para a História da Imigração Italiana em Jaboticabal*, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2021 **com Antônio Pascoal André, Luiz Carlos Beduschi e Arnaldo Geraldês Morelli**, publicou o livro “*Arnaldo Morelli*”. Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2022 *Crônicas de outrora*, de Alberto Bottino, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2023 **com Antônio Pascoal André e Luiz Carlos Beduschi**, *Dona Clelia: Memórias - Fatos – Histórias*, Multipress, Jaboticabal SP.

Em 2025 Guerriero Cecchetti – *Crônicas*, Multipress Jaboticabal SP.

Em 2025 *Contos de Jaboticabal*, autoria de Manoel Amorim Brenha, em comemoração do centenário da publicação (1925-2025).

Em 2026, em parceria com Antônio Pascoal André e Luiz Carlos Beduschi, publicou o livro: “*Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal — Volume 01*”, Multipress, Jaboticabal SP.

Homenagens Recebidas na área Educacional e Produção Memorialística.

Em 2014 Medalha do Centenário da Escola Estadual “Aurélio Arrobas Martins”.

Em 2014 Medalha comemorativa ao Centenário do Colégio Santo

André de Jaboticabal-SP, 100 Anos (1914-2014).

Em 2015 Pela Câmara Municipal de Jaboticabal Diploma de Honra ao Mérito.

Em 2015 Patrona da 6ª semana do livro da Biblioteca de Jaboticabal SP.

Em 2019 Associação Comercial, Industrial e Agronegócio de Jaboticabal, ACIAJA (Placa “Valores de Nossa História”).

Em 2024 Homenagem da UNESP - Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara SP.

Em 2026, em parceria com Antônio Pascoal André e Luiz Carlos Beduschi, publicou o livro: “Patronos dos principais logradouros de Jaboticabal — Volume 01”, Multipress.

